

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCAR  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CECH  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - DCI

VITÓRIA DE FREITAS RAMOS AGUINELO

**PROLIFERAÇÃO DA DESINFORMAÇÃO SOBRE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRI-  
CANA NO BRASIL: DESAFIOS PARA A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

São Carlos – SP

2025

VITÓRIA DE FREITAS RAMOS AGUINELO

**PROLIFERAÇÃO DA DESINFORMAÇÃO SOBRE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRI-  
CANA NO BRASIL: DESAFIOS PARA A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requi-  
sito parcial para obtenção do título de bacharel em Bibli-  
oteconomia e Ciência da Informação pela Universidade  
Federal de São Carlos  
Orientadora: Dra. Luciana de Souza Gracioso.

SÃO CARLOS – SP

2025

### **Ficha Catalográfica**

Aguinelo, Vitória de Freitas Ramos

Proliferação da Desinformação sobre Religiões de Matriz Africana no Brasil: Desafios para a Ciência da Informação / Vitória de Freitas Ramos Aguielo - 2025.

69f. TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos.

Orientador (a): Luciana de Souza Gracioso .

Banca Examinadora: Cintia Almeida da Silva Santos, Paula Regina Dal'Evedove.

Bibliografia

1. Informação. 2. Religiões Afro-Brasileiras. 3. Desinformação. I. Aguielo, Vitória de Freitas Ramos. II. Título

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Universidade Federal de São Carlos

Assinatura dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso do candidato Vitória de Freitas Ramos Aguielo, realizada em 24/07/2025:

Luciana de Souza Gracioso  
Prof. Dra. Luciana de Souza Gracioso (orientadora)  
UFSCar

Prof. Dra. Cintia Almeida da Silva Santos  
Instituto Federal de São Paulo (IFSP) Araraquara

Prof. Dra. Paula Regina Dal'Evedove  
UFSCar

Dedico esse trabalho a todos os praticantes e simpatizantes das Religiões de Matriz Africana que sofreram qualquer tipo de intolerância, injustiça, falta de respeito ou qualquer tipo de violência, em especial é uma homenagem àqueles que já não estão entre nós.



## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, que fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante todos os meus anos de estudos; A Deus, por ter permitido que eu tivesse saúde e determinação para não desanimar durante a realização deste trabalho; A Deus, pela minha vida, e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho.

A Jesus, nosso mestre que andou pela Terra; Aos meus pais e irmã, que me incentivaram nos momentos difíceis e me deram todo o apoio para que eu continuasse meus estudos; Aos meus Orixás que sempre estiveram comigo por estarem sempre me dando otimismo; As meus Guias, com mais carinho as Almas Benditas, Saravá! Meu Preto Velho; A professora Luciana de Souza Gracioso, por ter sido minha orientadora e ter desempenhado tal função com dedicação e amizade. Aos professores, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso, em especial a professora Zaira Regina Zafalon, Paula Regina Dal'Evedove, Cíntia Santos, Camila Dias Rigolin, por terem sido as minhas inspirações na luta contra a desinformação e a falta de respeito contra os praticantes e simpatizantes dessas religiões. Aos professores, por todos os conselhos, pela ajuda e pela paciência com a qual guiaram o meu aprendizado. As minhas inspirações culturais pretas e artísticas o artista Baco Exu do Blues, Liniker, Djamilá Ribeiro, Barbára Grêgorio, Sidnei Barreto Nogueira, Lazzo Matumbi, Racionais MC's, Larissa Luz, Anitta e Pitty e muitos outros ativistas contra a intolerância.

“Briga sempre houve, mas o problema é respeitar o outro. É educação. O que fazemos aqui e devemos fazer sempre é reafirmar a nossa fé e educar o povo. Educação é o caminho para alcançar a paz”.

**(Ekedy Sinha,2017, Brasil Agência)**

## RESUMO

Este trabalho investiga os impactos da desinformação e das *fake news* sobre as religiões de matriz africana no Brasil, como o Candomblé, a Umbanda, a Quimbanda, o Ifá e o Vodum. Essas manifestações religiosas têm sido alvo constante de ataques simbólicos e materiais, reforçados por conteúdos desinformativos disseminados especialmente por mídias sociais e por discursos religiosos hegemônicos. A pesquisa busca evidenciar como a Ciência da Informação pode contribuir no combate à desinformação e na promoção da liberdade religiosa. Utilizando-se da metodologia de revisão bibliográfica, o estudo analisa dados estatísticos, relatos midiáticos e acadêmicos que demonstram os efeitos da intolerância religiosa e do racismo religioso no cotidiano de praticantes dessas religiões. Os resultados indicam que a desinformação se articula com estruturas de poder colonial e eurocêntrico, contribuindo para o apagamento de saberes ancestrais afro-brasileiros e a perpetuação da violência simbólica. O trabalho reafirma a importância de uma atuação ética e antirracista no campo da informação.

Palavras-chave: *Fake News*; Religiões; Informação; Desinformação.

## ABSTRACT

This paper investigates the impact of disinformation and fake news on religions of African origin in Brazil, such as Candomblé, Umbanda, Quimbanda, Ifá and Vodum. These religious manifestations have been the constant target of symbolic and material attacks, reinforced by disinformative content disseminated especially by social media and hegemonic religious discourses. The research seeks to show how Information Science can contribute to combating disinformation and promoting religious freedom. Using a literature review methodology, the study analyzes statistical data, media and academic reports that demonstrate the effects of religious intolerance and religious racism on the daily lives of practitioners of these religions. The results indicate that misinformation is articulated with colonial and Eurocentric power structures, contributing to the erasure of ancestral Afro-Brazilian knowledge and the perpetuation of symbolic violence. The work reaffirms the importance of ethical and anti-racist action in the field of information.

Keywords : Fake News; Religions; Information; Disinformation.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Ilustração de uma Cerimônia no Candomblé.	23
Figura 2	Cerimônia na Umbanda.	25
Figura 3	Cerimônia de Ifá.	28
Figura 4	Iquim (plural iquins; em iorubá: ikin).	30
Figura 5	Cerimônia da Quimbanda aberta à Mídia.	32
Figura 6	Dança, uma prática muito importante no Vodou.	34
Figura 7	Bonecos muito usados nas cerimônias de Vodou.	38
Figura 8	Cerimônia de Vodou.	39
Figura 9	Rainha do Voodoo e do Hoodoo de New Orleans, USA.	40
Figura 10	Livro Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios? de Edir Macedo.	44
Figura 11	Livro: Intolerância Religiosa, Sidnei Nogueira, 2020.	46
Figura 12	Fake News: “Exu é o Diabo”.	50
Figura 13	Fato: Exu abre seus caminhos na Terra.	51
Figura 14	Fato: É uma entidade feminina, ligada ao empoderamento e confiança.	51
Figura 15	Fake News: “Pombagira é Puta, Prostituta”.	52
Figura 16	Fake News: “Orixás são Demônios”. Nesse vídeo, temos João Pedro um Babalorixá da Umbanda esclarecendo uma desinformação.	53
Figura 17	Fato: Orixás são forças da natureza que nos curam e nos deixam otimistas. A imagem busca combater uma desinformação sobre o significado de orixás.	53
Figura 18	Fake News: “Religiões Afro são satânicas!” Nessa postagem, um pastor de uma igreja neopentecostal faz a afirmação equivocada.	54
Figura 19	Fato: Os colonizadores inventaram a demonização das religiões de Matriz Africana para subalternizar os negros e justificar a Escravidão.	55
Figura 20	Fake News : “Preto Velho é demônio”.	56
Figura 21	Fato : São entidades que te auxiliam no teu caminho e te ajudam sempre. que você pedir, sendo seu guia e são extremamente generosos.	56

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1.1 Justificativa .....</b>	<b>14</b>
<b>1.2 Objetivos.....</b>	<b>14</b>
<b>1.3 Contexto Geral das Redes Sociais e do Racismo Religioso.....</b>	<b>15</b>
<b>2 SINCRETISMO, BRANQUITUDE E DESINFORMAÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>3 RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NO BRASIL: BREVE INTRODUÇÃO CONTEXTUAL.....</b>	<b>20</b>
<b>3.1 A Ciência da Informação combatendo a desinformação .....</b>	<b>22</b>
<b>3.2 A Relevância da Informação Religiosa e seus Impactos nas Diferentes Facetas das Pessoas .....</b>	<b>22</b>
<b>4 RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: FUNDAMENTOS HISTÓRICOS, PRÁTICAS RELIGIOSAS E DISTRIBUIÇÃO REGIONAL.....</b>	<b>25</b>
<b>4.1 Candomblé: Origem e História .....</b>	<b>26</b>
<b>4.2 Crenças, Culto e Estrutura da Umbanda.....</b>	<b>29</b>
<b>4.3 Ifá .....</b>	<b>31</b>
<b>4.4 Quimbanda.....</b>	<b>35</b>
<b>4.5 Vodun.....</b>	<b>37</b>
<b>6 O CONTEXTO DA DESINFORMAÇÃO RELIGIOSA NO BRASIL.....</b>	<b>47</b>
<b>6.1 Metodologia.....</b>	<b>51</b>
<b>7 RESULTADOS .....</b>	<b>53</b>
<b>7.1 Discussão dos resultados .....</b>	<b>62</b>
<b>8 CONCLUSÃO.....</b>	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>66</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O racismo é um fenômeno estruturante da sociedade brasileira desde o período colonial, quando milhões de africanos foram escravizados e submetidos a um regime brutal de exploração. Nesse contexto, as religiões de matriz africana, como o Candomblé, a Umbanda, o Ifá, o Vodum e a Quimbanda, foram fundamentais como espaços de resistência, espiritualidade e preservação cultural. Para sobreviver à perseguição e à imposição do catolicismo, os povos escravizados adaptaram suas práticas religiosas, utilizando imagens de santos católicos para representar orixás e outras entidades espirituais. Esse processo originou o sincretismo religioso, que se consolidou como estratégia de disfarce e sobrevivência frente à repressão colonial.

No entanto, o sincretismo religioso carrega ambivalências: ao mesmo tempo que representa uma forma de resistência, também é alvo de críticas por promover o embranquecimento simbólico dessas tradições. Em especial, observa-se como a Umbanda, por sua maior aceitação social, tende a incorporar elementos cristãos e discursos moralizantes, distanciando-se de suas raízes afro-brasileiras. Já a Quimbanda, por rejeitar a dualidade bem/mal e valorizar entidades marginalizadas como Exus e Pombagiras, sofre forte estigmatização e é frequentemente associada ao mal ou à criminalidade.

Essa marginalização histórica se reflete na contemporaneidade por meio de discursos de ódio, intolerância religiosa, agressões físicas e simbólicas, além de uma série de conteúdos desinformativos. A disseminação de *fake news* sobre as religiões afro-brasileiras, sobretudo em redes sociais, intensifica os estereótipos, reforça a demonização dessas práticas e compromete o direito constitucional à liberdade religiosa.

Neste cenário, a Ciência da Informação pode contribuir de maneira decisiva na identificação e no combate à desinformação, promovendo o acesso a informações qualificadas, contextualizadas e culturalmente sensíveis. O presente trabalho tem como objetivo investigar os impactos da desinformação nas religiões de matriz africana, analisando como o discurso informacional – quando enviesado ou mal-intencionado – pode reforçar a intolerância religiosa e perpetuar o racismo estrutural. Além disso, pretende-se refletir sobre o papel ético e político dos profissionais da informação frente a essas dinâmicas excludentes.

Neste trabalho iremos analisar as Religiões de Matriz Africana no Brasil, toda a desinformação que vem com elas e características/estigma como o Sincretismo e a Branquitude, violências. Tendo em vista que sou uma mulher preta com a sua ancestralidade marcada pela escravidão tanto Pretos como Indígenas. Usando seu papel e representatividade dentro de uma Universidade Pública, se dedicando a fazer uma pesquisa estratégica e relevante, se tornando a

própria manifestação da importância da epistemologia negra e da importância de nossa atuação enquanto profissionais da informação, a prática de sairmos da perspectiva de meros “objetos de pesquisa para “sujeitos de pesquisa”, como recorrentemente cita Djamila Ribeiro.

### **1.1 Justificativa**

A escolha deste tema se justifica pela sua relevância social e acadêmica, uma vez que a disseminação de informações qualificadas sobre o assunto contribui significativamente para a formação crítica e consciente de praticantes e simpatizantes.

A minha escolha pessoal do tema se dá pela minha indignação e de certa maneira uma crescente perturbação por esse tema tão relevante não ser pesquisado ou ter um determinado alcance pois a desinformação atua como uma violência simbólica apagando saberes tradicionais e culturais, histórico - sociais. e reforçando o racismo já enraizado em nossa sociedade.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), uma parcela significativa da população ainda demonstra desconhecimento sobre temas correlatos, o que evidencia a urgência de abordagens educativas que promovam a conscientização e o esclarecimento.

### **1.2 Objetivos**

Neste contexto o presente trabalho tem o objetivo geral de verificar como o preconceito às religiões de matriz africana se manifesta em redes sociais, tendo como foco vídeos publicados nas redes sociais TikTok e Instagram. Diante disto, tem como objetivos específicos: Refletir sobre como a falta de informação e a desinformação impactam negativamente o exercício das religiões de matriz africana, reforçando estigmas, marginalização e violações de direitos; Identificar e categorizar os tipos de fake news disseminadas sobre as religiões afro-brasileiras nos meios de comunicação e nas redes sociais, destacando seus conteúdos, formatos e estratégias de circulação; Refletir sobre o papel da Ciência da Informação no enfrentamento à desinformação religiosa, promovendo a circulação de saberes pluralistas, antirracistas e culturalmente sensíveis - proposta de uma epistemologia negra como instrumento de enfrentamento ao preconceito (Araújo J, 2020, p. 238).

Para tanto tem como proposta metodológica ser uma pesquisa de caráter exploratório, fundamentada em levantamento preliminar para a construção de referencial teórico e em análise documental de conteúdos veiculados em redes sociais de acesso aberto.

### 1.3 Contexto Geral das Redes Sociais e do Racismo Religioso

A escolha das redes sociais como campo empírico se justifica por seu papel central na formação de discursos contemporâneos e na propagação de narrativas sociais, em especial o TikTok, plataforma que apresenta um crescimento exponencial no Brasil e ampla penetração entre diferentes faixas etárias, segundo relatório da DataReportal (2025). Segundo publicação no jornal Correio do Povo (2024), o TikTok:

“É um aplicativo digital ou Mídia Social para se criar conteúdos, vídeos ou simplesmente assistir vídeos ou conteúdos. A plataforma Tik Tok no ano de 2022, alcançou um impressionante número de 1.7 bilhões de usuários, o que vem aumentando desde então. E o Brasil é o terceiro país com mais usuários ativos, com 98.6 milhões. E isso tudo foi conquistado num tempo recorde, em menos de cinco anos após o lançamento, em um ritmo inédito de crescimento”. (Correio do Povo, 2024).

O Instagram é uma plataforma de mídia social extremamente popular no Brasil, com números significativos de usuários e engajamento. Em 2024, o Instagram conta com cerca de 134,6 milhões de contas no Brasil, sendo a segunda rede social mais utilizada no país, atrás apenas do Whatsapp. (Rodrigues, 2024)

#### O Racismo Religioso

Em 2024, o Brasil registrou 3.853 casos de intolerância religiosa, número que representa um aumento superior a 80% em relação a 2023, quando foram contabilizadas 2.128 ocorrências. O estado de São Paulo concentrou o maior número de notificações, com 919 violações, seguido do Rio de Janeiro, com 764, e da Bahia, com 223, todos apresentando crescimento em comparação ao ano anterior. As religiões de matriz africana permaneceram como as mais atingidas, com destaque para a Umbanda, que passou de 84 registros em 2023 para 234 em 2024, e para o Candomblé, que aumentou de 58 para 214 casos no mesmo período. Também foram registradas ocorrências envolvendo evangélicos como praticantes de atos intolerantes, totalizando 111 notificações em 2024, número que representa mais de 50 casos a mais em relação ao ano anterior. Já em 2025, até o momento, foram contabilizadas 178 violações, das quais 60 ocorreram em São Paulo, 21 no Rio de Janeiro e 19 na Bahia, sendo novamente a Umbanda e o Candomblé as tradições religiosas mais afetadas (Cardoso, A., 2025).

De acordo com o Censo Demográfico 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a proporção de católicos caiu de 65,1% para 56,7%, enquanto os evangélicos

passaram de 21,6% para 26,9% da população entre 2010 e 2022. Esse crescimento está relacionado, sobretudo, à expansão do protestantismo, em especial do segmento evangélico, que apresentou expressiva adesão nos últimos anos. Em contrapartida, o catolicismo apresentou queda proporcional no número de fiéis, revelando um processo de reconfiguração do cenário religioso brasileiro (Souza, B., 2025).

## 2 SINCRETISMO, BRANQUITUDE E DESINFORMAÇÃO

O sincretismo é um fenômeno antigo e global, observado em diferentes momentos históricos e culturais. Ele consiste na combinação de elementos de tradições distintas, geralmente em contextos de dominação, resistência e assimilação. Se resumindo:

“O colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Dói sempre por vezes infecta, e outras vezes sangra”. (Grada Kilomba,2019)

No Brasil, o sincretismo é diretamente vinculado à violência colonial e à imposição do cristianismo sobre os povos africanos. As religiões afro-brasileiras sincréticas, como a Umbanda e o Candomblé, incorporam práticas cristãs – como o uso de imagens santos, orações e rituais católicos em seus cultos, não por convicção, mas por necessidade de sobrevivência. Essa apropriação forçada é apontada por Ribeiro (2023) como uma forma de preservação, mas também como risco de diluição descaracterização dos sistemas religiosos de origem africana. Assim o termo sincretismo carrega uma ambiguidade por um lado, simboliza resistência e criatividade; por outro representa o apagar das tradições originais e a manutenção de relações desiguais de poder.

Bem como durante o período colonial, as populações africanas escravizadas no Brasil foram forçadas a abandonar suas crenças religiosas originárias e adotar os dogmas impostos pelos colonizadores cristãos. Para resistir a essa imposição, muitas comunidades encontraram formas de manter vivas suas práticas, por meio de adaptações estratégicas e disfarces simbólicos. Como afirma Daniel Pereira, Babalorixá:

(...) Quando nossos ancestrais foram arrancados de África e trazidos à força para o Brasil, foram obrigados a adotar a fé do colonizador. Mesmo assim, deram um jeito de continuar praticando seus costumes e crenças. (...) Dessa forma, inteligentemente, fingiram adotar os santos católicos mas, na verdade, seguiram cultuando as divindades africanas. (Pereira,2022)

Esse fenômeno, conhecido como sincretismo religioso, tem sido amplamente discutido tanto como mecanismo de resistência quanto como instrumento de opressão. Em sua concepção original, sincretizar significaria unir ou combinar elementos de diferentes tradições religiosas. No entanto, como observa Cláudia Alexandre: “(...) politicamente, o termo sincretismo remete à opressão, demonização, violência e dominação.” (Alexandre,2022)

De fato, a fusão entre entidades africanas e santos católicos nem sempre se deu de forma igualitária ou respeitosa. Muitas vezes, o sincretismo impôs sobre as divindades africanas características eurocêntricas que resultaram em apagamento simbólico da negritude. Exemplo

disso é a associação comum entre Exu e Santo Antônio, figuras espirituais profundamente distintas em suas cosmologias e fundamentos, mas erroneamente fundidas por falta de informação e pelo avanço da desinformação.

Segundo Oliveira (2022), embora o sincretismo religioso seja discutido hoje como uma estratégia possível para combater o racismo religioso, ele também pode ser interpretado como um processo de "embranquecimento" das práticas afro-brasileiras, principalmente na Umbanda e no Candomblé.

Segundo Bento (2014), Nogueira (2014), Borges (2017) esse processo de embranquecimento também é compreendido pelo conceito de branquitude, que pode ser definido como uma visão hegemônica associada ao masculino e às posições de poder. Desde os primórdios da sociedade brasileira, essas características são observadas: o povo negro é historicamente inferiorizado e subalternizado, em um movimento que visa justificar tanto a escravidão quanto a catequização forçada dos africanos escravizados. Podemos definir numa só frase Branquitude: “A branquitude é estruturada como padrão de poder e normalidade.”(Bento,2002)

Sendo assim, “a branquitude é um lugar de privilégio” (Silva et al., 2022) e a branquitude está relacionada à figura do homem branco — especialmente o europeu e católico —, consolidando-se como uma identidade racial narcisista, que propaga o discurso de que o branco é a norma e o padrão. Essa perspectiva considera o branco como superior às demais raças, tratando tudo aquilo que se desvia desse ideal como estranho, inferior ou insignificante. A branquitude, portanto, está intrinsecamente ligada ao poder simbólico e é vista como um elemento normativo nas relações sociais. Conclusão assim vemos a ligação entre Sincretismo e Branquitude:

O sincretismo não nasce apenas da mistura cultural, mas é também resultado da dominação religiosa e simbólica imposta pela branquitude colonial. Ele revela o quanto a cultura negra foi obrigada a se adaptar para sobreviver em um contexto de perseguição, apagamento e catequização. (Munanga, 2003; Prandi, 2005), grifo nosso.

A branquitude impôs o cristianismo como norma e subalternizou as religiões africanas, obrigando-as ao sincretismo. Portanto, o sincretismo é também um reflexo da violência simbólica da branquitude. (Bento, 2002; Cardoso, 2020).

O sincretismo religioso, frequentemente romantizado como convivência pacífica entre culturas, é, na verdade, reflexo direto da imposição da branquitude como padrão normativo. Ao exigir a camuflagem dos orixás sob imagens de santos católicos, a sociedade colonial reafirmou a superioridade simbólica da fé branca e marginalizou os saberes religiosos africanos (Munanga, 2003; Bento, 2002).

Sobre o conceito de desinformação, Antônio e Silva (2024) dizem:

É um fenômeno complexo com raízes profundas principalmente ligada ao advento da Globalização que significa a expansão e consolidação das TIC's (Tecnologias da Informação e Comunicação) em especial as tecnologias digitais principalmente o ambiente virtual que se estabeleceu por meio das Mídias Sociais como Facebook, Instagram, TikTok no qual ela é propagada com maior facilidade. (Antônio e Silva, 2024)

A desinformação é alimentada por um mercado vigoroso quase sempre tendo as mais diversas faces e se beneficiando do ambiente virtual para esconder narrativas carregadas e emocionalmente fortes colocando "descontextualizações temporais, espaciais e contextuais" caracterizando manipulações para ter benefício próprio ou de determinada comunidade distorcendo completamente o que é verdadeiro ou falso dificultando ativamente os esforços para combatê-la. (Rego e Paulino, 2022)

O conceito de desinformação refere-se à disseminação intencional ou não de conteúdos falsos ou imprecisos, muitas vezes utilizando manchetes sensacionalistas e manipulando vídeos, textos e imagens, com o objetivo de enganar, influenciar a opinião pública ou gerar confusão. Esse fenômeno pode causar diversos prejuízos, como danos à saúde pública, à liberdade religiosa, à saúde mental, à democracia, à segurança e à reputação de indivíduos e instituições (Wardle; Derakhshan, 2017; Bakir; Mcstay, 2018).

Nesse contexto, a desinformação está diretamente relacionada às fake news, embora vá além delas, pois envolve estratégias mais amplas de manipulação informacional. Seu impacto abrange diversos setores da sociedade e demanda uma resposta multissetorial, incluindo ações como educação midiática, regulamentação de plataformas digitais, cooperação entre governos, empresas e sociedade civil, além da verificação de fatos e denúncia de conteúdos enganosos (Unesco, 2021; Fiocruz, 2020).

Conclui-se, que a desinformação ultrapassa o conceito de fake news, sendo um fenômeno complexo e multifacetado que ameaça o direito à informação e a própria estabilidade social.

### 3 RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NO BRASIL: BREVE INTRODUÇÃO CONTEXTUAL

As religiões de matriz africana, ao extrapolarem a concepção ocidental clássica de religião — derivada do termo latino *religare*, que remete à ideia de "religar" ou reconectar o ser humano ao sagrado, nesse sentido o sagrado pode ser o seu eu superior, ou simplesmente a evolução espiritual — constituem-se como expressões culturais complexas e multifacetadas. Essas tradições religiosas, como o Candomblé e a Umbanda, Ifá articulam saberes empíricos construídos coletivamente por meio da vivência e da oralidade e observação, sendo reconhecidas por sua atuação em práticas de cura, como o uso de plantas e ervas medicinais, passes mediúnicos e tratamentos espirituais. Assim, o conhecimento tradicional oriundo dessas religiões revela-se socialmente efetivo e significativo, sobretudo para os praticantes, simpatizantes e comunidades que encontram nesses saberes formas de cuidado, pertencimento e resistência cultural assim valorizando a ancestralidade.

Portanto as religiões de matriz africana no Brasil são expressões espirituais originadas das práticas e cosmovisões trazidas por povos africanos escravizados, como os iorubás, jejes, bantus, entre outros. Tais tradições foram recriadas em solo brasileiro por meio da oralidade, dos rituais e da ancestralidade, preservando saberes coletivos mesmo sob perseguição histórica e religiosa. Entre as principais religiões estão o Candomblé, a Umbanda e a Quimbanda, que se desenvolveram em diferentes regiões do país, influenciadas também pelo catolicismo e pelo espiritismo, o que resultou em manifestações sincréticas (Shadow, 2022).

Essas práticas valorizam o culto aos orixás, voduns e inquices — divindades associadas a forças da natureza e elementos da vida —, bem como a presença de entidades espirituais como caboclos e pretos-velhos, que atuam como guias nos rituais. A religiosidade afro-brasileira vai além do campo da fé: constitui também um sistema filosófico, cultural e político de resistência, profundamente vinculado à identidade negra no Brasil (Nogueira, 2020).

Mesmo com sua importância histórica, essas religiões são frequentemente alvo de preconceito e intolerância. A criminalização de seus rituais durante os séculos XIX e XX e os ataques físicos e simbólicos ainda recorrentes revelam o racismo religioso estrutural que permeia a sociedade brasileira. A luta pela liberdade religiosa e pelo reconhecimento das religiões afro-brasileiras como patrimônio cultural é, portanto, uma reivindicação também por justiça social e reparação histórica (Araújo, 2020; Nogueira, 2020).

A demonização das religiões de matriz africana, promovida principalmente por segmentos do cristianismo, especialmente por igrejas neopentecostais, configura-se como uma forma

explícita de violência religiosa. Esse tipo de intolerância manifesta-se por meio de atos discriminatórios como escárnio, impedimento de práticas rituais e vilipêndio a símbolos sagrados, sendo tais condutas previstas como crime na legislação brasileira. Quando a manifestação religiosa ultrapassa os limites da liberdade de expressão e incita à violência contra outras crenças, ela deixa de ser protegida juridicamente, devendo seus autores ser responsabilizados legalmente (Fernandes, 2013).

Apesar de a liberdade de crença e culto estar prevista desde a Constituição da República de 1891 — e ser reafirmada na atual Constituição Federal, que assegura o Estado laico e a garantia de todas as formas de religiosidade —, muitas comunidades religiosas continuam sendo privadas do pleno exercício desse direito. Tal cenário afeta especialmente os praticantes das religiões afro-brasileiras, os quais ainda enfrentam discriminação, perseguições e agressões motivadas por intolerância cultural e religiosa. Essas práticas configuram formas contemporâneas de racismo religioso que se perpetuam por meio de violências simbólicas e físicas (Silva, 2015; Fernandes, 2013).

Um fator que contribui para a invisibilização e demonização das religiões afro-brasileiras é o fenômeno do "duplo pertencimento religioso", comum no Brasil. Muitos praticantes se identificam simultaneamente com o catolicismo e com cultos de matriz africana, o que leva à subnotificação desses adeptos nas estatísticas oficiais e dificulta a mensuração exata da sua presença na sociedade (Fernandes, 2013). Essa sobreposição se relaciona historicamente com o sincretismo religioso, que, conforme Sousa (2003), surgiu como uma estratégia de resistência e sobrevivência diante das perseguições impostas no período colonial.

Durante a escravidão, as práticas culturais e religiosas dos povos africanos foram reprimidas de forma violenta por instituições como a Igreja Católica, a polícia e a imprensa. Templos eram invadidos, instrumentos sagrados como os atabaques eram confiscados e líderes religiosos presos. Essa violência foi legitimada por um discurso teológico colonial, que via a África como um território demonizado e seus habitantes como condenados ao inferno, sendo a escravidão justificada como um meio de "salvação espiritual" para os africanos (Sousa, 2003).

Mesmo após séculos, a intolerância persiste. As religiões afro-brasileiras ainda são associadas à maldade, à superstição e ao desvio moral. Seus ritos são constantemente alvo de chacota pública, abusos policiais e represálias da sociedade. Atos de culto em espaços públicos muitas vezes provocam reações violentas. Ainda assim, os terreiros seguem sendo espaços de solidariedade, acolhimento e resistência, com uma cosmovisão negro-africana que também é partilhada por não negros (Fernandes, 2013; Silva, 2015).

A prática de associar entidades das religiões afro-brasileiras ao mal é recorrente em

atividades promovidas por igrejas como a IURD (Igreja Universal do Reino de Deus). A intolerância religiosa no Brasil do século XXI tem se expressado por meio de ações simbólicas como o episódio conhecido como “chute na santa” e o vandalismo contra símbolos sagrados, como na Pedra de Xangô, em Cajazeiras. Esses acontecimentos evidenciam que a intolerância se ancora em uma lógica histórica de dominação que nega as tradições afrodescendentes em nome de uma suposta superioridade religiosa (Mariano, 2015).

Além disso, a trajetória do pentecostalismo no Brasil demonstra como a intolerância foi institucionalizada em certas fases. A primeira onda pentecostal destacou o “falar em línguas”; a segunda enfatizou a cura divina; e a terceira, marcada pela teologia da prosperidade e práticas de exorcismo, intensificou a demonização de religiões como o Candomblé e a Umbanda. A partir de discursos centrados no combate ao “baixo espiritismo”, igrejas neopentecostais reforçaram preconceitos e estigmas já existentes no imaginário social, aprofundando a exclusão dos povos de terreiro (Mariano, 2015).

### **3.1 A Ciência da Informação combatendo a desinformação**

A Ciência da Informação e seus profissionais tem papel crucial na promoção da alfabetização midiática, curadoria de conteúdo confiável e a disseminação de práticas confiáveis e éticas. Para as suas contribuições formarem uma sociedade justa e crítica, letrada em termos informacionais (Araújo, 2021). Ajudando diretamente na disseminação de conhecimentos para a promoção de uma cultura informacional responsável e criteriosa (Rocha e Gomes, 2023)

Por fim, cabe destacar que, ao contrário das religiões cristãs que muitas vezes operam sob lógica moralista e salvífica, as religiões de matriz africana não fundamentam sua espiritualidade em juízo de valor. Seu foco está na busca pelo equilíbrio, na vivência plena e na valorização da ancestralidade, sem imposição de dogmas universais ou hierarquias espirituais entre os seres humanos (Fernandes, 2013).

Portanto essa citação é amplamente e completamente traduzida num alinhamento com o compromisso da Ciência da Informação – a de ser equilíbrio, justiça, acesso e valorização!

### **3.2 A Relevância da Informação Religiosa e seus Impactos nas Diferentes Facetas das Pessoas**

A informação religiosa, quando mal apurada ou difundida sem análise crítica, tem potencial para reforçar estereótipos negativos e alimentar discursos de ódio. Essa disseminação acrítica, especialmente nas mídias e redes sociais, contribui para a perpetuação do racismo

religioso — uma forma específica de discriminação que atinge, sobretudo, religiões de matriz africana, associadas historicamente à população negra.

Historicamente, as raízes desse fenômeno remontam ao período colonial, quando o cristianismo foi imposto às populações indígenas e africanas, resultando na demonização de ritos, marginalização de tradições sincréticas e silenciamento de saberes. Esse processo, hoje conhecido como racismo epistêmico, mantém a invisibilidade e a deslegitimação cultural dessas religiões.

Apesar de o Brasil garantir constitucionalmente a liberdade religiosa e a laicidade do Estado, e contar com leis como a Lei Caó (7.716/1989) e a Lei 14.532/2023, que pune com mais rigor a injúria religiosa, a aplicação dessas normas enfrenta barreiras estruturais. Práticas, objetos e espaços sagrados afro-brasileiros continuam sendo alvo de ataques físicos e simbólicos.

A atuação midiática exerce papel central na manutenção desse quadro. A cobertura jornalística tende a privilegiar religiões cristãs, principalmente a católica, enquanto as religiões de matriz africana são pouco representadas ou retratadas de forma sensacionalista. Esse viés reforça preconceitos e justifica exclusões culturais. Paralelamente, o avanço de segmentos religiosos com forte presença política e influência midiática amplifica narrativas excludentes.

O ambiente escolar também apresenta desafios. Apesar da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, sua aplicação é limitada, e muitas escolas ainda omitem ou distorcem conteúdos sobre religiões afro-brasileiras. A ausência de representatividade em materiais didáticos — como a menção superficial à Revolta dos Malês — e a persistência de práticas proselitistas contribuem para a invisibilidade e a estigmatização.

No espaço virtual, a desinformação intensifica a intolerância. Narrativas falsas sobre religiões, disseminadas rapidamente, utilizam estigmas que as associam a práticas negativas, reforçando crenças de inferioridade e fomentando hostilidade. O desconhecimento sobre tradições minoritárias impede o diálogo e a empatia, fortalecendo o isolamento social de seus praticantes.

A educação surge como ferramenta essencial para reverter esse cenário. Uma formação laica, plural e que valorize a diversidade religiosa e cultural, aliada à competência em informação religiosa (*religious literacy*), permite que indivíduos questionem narrativas exclusivistas e reconheçam a pluralidade religiosa como parte integrante da cidadania. Essa alfabetização religiosa contribui para combater preconceitos, incentivar a denúncia de crimes e exigir a aplicação justa das leis.

Em síntese, a falta de informação religiosa de qualidade repercute diretamente nas

dimensões individual e coletiva: propaga preconceitos, legitima a violência e dificulta a proteção jurídica. Por outro lado, quando presente e bem trabalhada, a informação religiosa fortalece o respeito, a compreensão histórica e cultural, a construção de políticas públicas eficazes e a promoção de uma sociedade mais justa e plural. (Sousa,S. e Alves,2024)

#### 4 RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: FUNDAMENTOS HISTÓRICOS, PRÁTICAS RELIGIOSAS E DISTRIBUIÇÃO REGIONAL

O objeto foco de nosso estudo, as religiões de matriz africana no Brasil, resultam do encontro entre diferentes povos africanos escravizados, que, ao serem forçados à convivência, compartilharam rituais, cosmologias e práticas religiosas. Como afirma o Museu Afro Brasil (2007), “a escravidão colocou em contato as religiões de diferentes povos africanos, que acabaram por assimilar e trocar entre si elementos semelhantes de suas culturas”. Desse encontro nasceram tradições como o Candomblé, a Umbanda, o Batuque, o Tambor de Mina, o Xangô de Pernambuco, o Jarê e o Terecô. Como Oliveira (Xavier, 2022), essas manifestações religiosas têm histórias e rituais distintos, mas compartilham uma base filosófica de origem africana, marcada pela ancestralidade, pelo culto aos orixás, voduns e entidades espirituais diversas. Entre essas tradições, destaca-se a Quimbanda, frequentemente acometida de estigmatização por não adotar o dualismo entre bem e mal. Conforme registrado na plataforma Terra (Andrade, 2023):

“Quimbanda é uma palavra da língua portuguesa originada do quimbundo ‘kimbanda’, língua do tronco linguístico banto. [...] Na Quimbanda, assim como em outras religiões de matriz africana, a dualidade entre bem e mal não existe. O positivo e o negativo estão presentes em tudo e todos, incluindo os Orixás.”

O pensamento ocidental, especialmente o cristão, interpreta erroneamente essa complexidade espiritual como demoníaca, reforçando preconceitos e violências simbólicas.

De acordo com o professor Juarez Xavier (2022), as religiões de matriz africana podem ser agrupadas em três categorias: Brasileiras, como a Umbanda; Afro-brasileiras, como o Candomblé de Caboclo; Afrodescendentes, como o Ketu e o Jêje, que mesmo surgindo no Brasil, reivindicam os modelos organizacionais das religiões africanas.

As religiões de matriz afro-brasileira constituíram-se a partir da integração de elementos culturais e espirituais oriundos de diferentes povos africanos, trazidos ao Brasil durante o período da escravidão, entre os séculos XVI e XIX. Essas tradições religiosas, ao se desenvolverem em território brasileiro, passaram a incorporar influências de crenças europeias, como o catolicismo e o espiritismo kardecista. Além disso, adaptaram-se às especificidades culturais e sociais das diversas regiões do país, resultando em práticas religiosas distintas e com identidades próprias conforme o local de origem.

Esse processo de adaptação regional fez com que as manifestações religiosas afro-brasileiras adquirissem nomes e rituais variados. Dentre as mais conhecidas e praticadas

atualmente estão o Candomblé e a Umbanda. No entanto, outras expressões religiosas também revelam forte influência africana, como é o caso do Xangô e da Jurema sagrada, também chamada de Catimbó (Barbosa,L., 2019).

#### 4.1 Candomblé: Origem e História

A seguir temos uma imagem de uma cerimônia dessa religião.

Figura 1 – Ilustração de uma Cerimônia no Candomblé.



Fonte: Clara Angeleas, Ministério da Cultura, Wikimedia Commons.

Atualmente, o Candomblé é uma das religiões de maior relevância e maior número de praticantes no Brasil. O Candomblé tem suas raízes na África Ocidental, especialmente em territórios que hoje correspondem à Nigéria, Benim e Angola, regiões de onde muitos escravizados foram trazidos ao Brasil. Durante o período colonial, apesar das tentativas de conversão ao catolicismo e das condições opressivas, os africanos preservaram suas tradições religiosas. No Brasil, diferentes grupos étnicos africanos se reuniram e adaptaram suas práticas religiosas, dando origem ao Candomblé tal como é conhecido atualmente. No século XIX, especialmente na Bahia, o Candomblé consolidou-se com a criação dos primeiros terreiros, entre eles o Ilê Axé Iyá Nassô Oká, reconhecido como um dos mais antigos do país.

Historicamente, a religião sofreu perseguições e foi frequentemente rotulada por estudiosos do século XIX, como Nina Rodrigues, como uma prática “primitiva” e “fetichista”, refletindo os preconceitos da época. Somente ao longo do século XX, com a atuação de pesquisadores como Pierre Verger e Roger Bastide, o Candomblé passou a ser analisado com maior respeito e considerado objeto de estudo acadêmico com abordagem mais sensível (Campos, [s.d])

O Candomblé, apesar de ser uma religião com forte regionalização no Brasil, mantém características originárias dos povos africanos trazidos ao país. Durante o período em que a Igreja Católica proibiu os rituais africanos, os praticantes passaram a utilizar imagens católicas

como símbolos disfarçados, continuando secretamente a venerar seus Orixás, Inquices e Voduns (Barbosa, 2020). No Nordeste brasileiro, o estado da Bahia destaca-se não apenas por ser o primeiro do país, mas também por sua importância como berço das manifestações religiosas afro-brasileiras atuais. A Bahia concentra o maior número de seguidores do Candomblé no Brasil, religião que teve sua origem no território baiano com a chegada dos africanos escravizados. Influenciado pelas tradições de matriz africana, o Candomblé tornou-se uma das crenças predominantes na região.

Na capital Salvador, a presença do Candomblé é particularmente significativa. Conforme dados da Associação Brasileira de Preservação da Cultura Afro-ameríndia (AFA), existem mais de 1.730 terreiros registrados somente na cidade (Barbará, 2020). No Candomblé, os orixás são considerados divindades supremas, cada um com suas próprias habilidades e características individuais, que também se refletem nas diferentes formas de rituais praticados. Acredita-se que esses orixás escolhem as pessoas que irão incorporá-los desde o momento do nascimento, podendo, em certas situações, compartilhar essa incorporação com outros orixás.

Originalmente, o termo "candomblé" designava celebrações marcadas por dança e música, mas, com o tempo, passou a representar toda a religião. A prática envolve a realização de oferendas, danças e cantos, que têm como objetivo manter o equilíbrio entre os planos físico e espiritual, promovendo harmonia, proteção e orientação para os adeptos.

A cosmovisão do Candomblé entende que tudo no universo está interconectado, e que elementos naturais como água, fogo, ar, terra, plantas, animais e seres humanos estão vinculados a forças espirituais específicas, os orixás. Estes se manifestam para prover proteção, cura e equilíbrio tanto para os indivíduos quanto para a comunidade.

Além disso, a religião sustenta a crença na reencarnação, reconhecendo a continuidade da vida após a morte, momento em que o espírito retorna ao plano espiritual para eventualmente reencarnar. Outro conceito central é o "Axé", entendido como uma energia vital que é cultivada por meio de rituais, oferendas e da relação com os orixás. A transmissão do conhecimento religioso se dá principalmente pela tradição oral, onde os mitos e narrativas dos orixás explicam suas origens, poderes e características, servindo também para orientar a conduta dos fiéis. No Candomblé, os orixás são considerados entidades espirituais que simbolizam forças naturais e aspectos da existência humana. Cada orixá possui características próprias, como personalidade, símbolos, cores associadas, alimentos preferidos e rituais específicos. Entre os orixás mais reverenciados estão: Oxalá, ligado à criação e à paz, comumente representado pela cor branca e pombas; Iemanjá, considerada rainha do mar, associada às águas salgadas e à maternidade; Xangô, orixá da justiça e dos trovões, conectado ao raio e às pedras; Ogum, divindade da guerra

e do ferro, vinculado às armas e batalhas; e Oxum, deusa do amor e da fertilidade, relacionada às águas doces e ao ouro. Além dos orixás, o Candomblé cultua também outras entidades espirituais, como os ancestrais, conhecidos como eguns, e diferentes categorias de espíritos que simbolizam variadas energias e arquétipos humanos, os quais se manifestam durante as cerimônias religiosas.

As chamadas “nações” dentro do Candomblé correspondem a subdivisões que refletem as diversas culturas e etnias africanas que foram trazidas ao Brasil durante o período da escravidão. Cada nação preserva suas tradições, línguas e rituais próprios, embora compartilhem a devoção aos orixás e mantenham uma estrutura comum de culto. Entre as principais nações destacam-se:

- Ketu: originária do grupo iorubá, é uma das mais presentes no Brasil, com rituais que incluem cânticos na língua iorubá e a veneração dos orixás.
- Jeje: baseada nas tradições do povo ewe-fon, do território que hoje corresponde ao Benim, caracteriza-se pela invocação dos voduns, entidades análogas aos orixás.
- Angola: ligada às tradições dos povos bantu, principalmente de Angola e Congo, cujos rituais utilizam cânticos em línguas bantu e reverenciam os inkices, equivalentes aos orixás.

O Candomblé apresenta aspectos singulares que despertam interesse e admiração. Cada orixá é celebrado em um dia específico da semana, com cores e alimentos tradicionais associados a ele. Por exemplo, Exu é reverenciado às segundas-feiras, com as cores vermelho e preto simbolizando sua presença. Outra característica relevante é o uso dos búzios para a consulta oracular, método pelo qual os praticantes buscam a orientação dos orixás. Além disso, o transe desempenha papel fundamental nos rituais, momento em que os filhos de santo incorporam os orixás, manifestando-se através de movimentos e sons que simbolizam a presença espiritual (Campos,2023).

A seguir temos uma imagem de uma cerimônia dessa religião.

Figura 2 – Cerimônia na Umbanda.



Fonte: Tânia Rêgo, Agência Brasil.

O terreiro constitui o local destinado à realização das cerimônias da Umbanda, sendo o espaço sagrado onde os rituais e práticas religiosas dessa tradição são realizados. A Umbanda é uma religião brasileira originada no início do século XX, especialmente no Rio de Janeiro, e fundamentada nas tradições das religiões de matriz africana, notadamente os cultos banto e iorubá presentes no Candomblé, além de incorporar influências do espiritismo, do catolicismo e das religiões indígenas (Neves, 2023). Essa religião é caracterizada como monoteísta, pois cultua um único Deus, Olorum, resultado do sincretismo entre essas tradições (Vieira, 2016, p. 5). A Umbanda emergiu oficialmente em 1908, quando Zélio Fernandino de Moraes foi incorporado pelo espírito conhecido como Caboclo das Sete Encruzilhadas. Essa manifestação espiritual marcou o início do culto, que mescla elementos africanos, cristãos e espirituais, formando uma prática religiosa singularmente brasileira.

O Candomblé é a principal fonte de religiosidade africana para a Umbanda, especialmente pela crença nos orixás, divindades ligadas aos elementos naturais, cuja importância varia conforme a linha seguida dentro da Umbanda. Do cristianismo, foram incorporados conceitos como a crença em um Deus único, a valorização da caridade e a perspectiva dualista do bem e do mal. Já o espiritismo contribuiu com a crença na reencarnação, a hierarquia dos espíritos e o papel central do médium na comunicação entre entidades espirituais e fiéis. À medida que a Umbanda se popularizou, dividiu-se em dois grandes grupos: um influenciado pelo espiritismo, que passou por um processo de embranquecimento e afastamento das práticas africanas; e outro que preservou suas raízes africanas com maior fidelidade. Historiadores apontam Zélio Fernandino de Moraes como figura central no surgimento da Umbanda. Em 1908, aos 17 anos, ele manifestou comportamentos incomuns e incorporou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, um espírito que teria sido um padre no século XVIII e reencarnado como indígena, que orientou a criação de um novo culto religioso. Desde então, a Umbanda cresceu e se diversificou, consolidando-se como uma das principais religiões de matriz africana no Brasil.

#### 4.2 Crenças, Culto e Estrutura da Umbanda

A Umbanda é uma religião brasileira de matriz africana que surgiu no início do século XX. Ela se estrutura a partir de elementos das tradições africanas, notadamente os cultos banto e iorubá presentes no Candomblé, bem como do espiritismo kardecista, do catolicismo e de práticas indígenas (Vieira, 2016). *Cosmovisão Umbandista*: O Deus supremo na Umbanda é conhecido como Olorum ou Zambi, dependendo da linhagem adotada. A crença monoteísta não se manifesta por meio de rituais dedicados diretamente a esse Deus, mas sim através de

entidades espirituais intermediárias, que auxiliam os fiéis por meio da mediunidade (Vieira, 2016, p. 5).

### *Entidades Espirituais*

As entidades são espíritos em evolução que se manifestam para oferecer ajuda espiritual.

Dentre elas estão:

- Pretos-velhos: sabedoria e humildade.
- Caboclos: força e conexão com a natureza.
- Crianças (Erês): pureza e alegria.
- Exus e Pomba-giras: guardiões espirituais e agentes de limpeza astral.
- Outras: ciganos, boiadeiros, baianos, marinheiros, entre outros.

### *Orixás e Linhas de Trabalho*

Os orixás são divindades ligadas às forças da natureza, e atuam em sete linhas principais: Oxalá, Yemanjá, Xangô, Ogum, Oxóssi, Yori (Crianças) e Yorimá (Almas). Eles não são espíritos humanos, mas manifestações de energia.

### *Culto e Rituais*

As cerimônias chamadas de giras ocorrem nos terreiros. Essas giras incluem preces, incorporações, passes, descarregos e uso de pontos cantados. O Gongá é o altar central do terreiro. Outros rituais envolvem defumações e o uso de água fluidificada.

### *Pontos Cantados e Simbologia*

Os pontos são cantos usados para invocar entidades. São entoados pelos curimbeiros acompanhados por atabaques. Também são utilizados pontos riscados, símbolos gráficos desenhados no chão ou papel.

### *Segmentos Umbandistas*

As principais vertentes incluem:

- Umbanda Tradicional e Popular;
- Umbanda de Almas e Angola;
- Umbanda Traçada (Umbandoblé);
- Umbanda Esotérica e Iniciática;
- Umbanda de Caboclos, Pretos-Velhos e Omolocô;
- Umbanda Branca ou de Mesa.

### *Estrutura do Terreiro*

O terreiro pode conter: Gongá, alas para assistência e médiuns, bibliotecas, cozinhas, espaços para consultas e locais de culto específicos.

### *Atores Religiosos*

- Dirigentes: organizam os cultos, definem regras e orientam os médiuns;
- Médiuns: incorporam entidades e realizam atendimentos;
- Cambonos: auxiliam nos rituais e organização;
- Corimbeiros/Ogãs: responsáveis pelos cantos e atabaques;
- Assistência: fiéis que participam das giras.

### *Conclusão*

A Umbanda se apresenta como uma religião plural, sincrética e essencialmente brasileira, cuja riqueza espiritual se expressa por meio de suas entidades, rituais e simbolismos, promovendo acolhimento, cura e orientação espiritual.

## **4.3 Ifá**

A seguir temos uma cerimônia da religião.

Figura 3 – Cerimônia de Ifá.



Créditos da Imagem: Ifá Ni L'Órun

Os fiéis participam de uma cerimônia ritualística do culto a Ifá, momento de devoção e consulta ao sistema divinatório. As marcas simbólicas e estruturais decorrentes do tráfico negreiro permanecem difíceis de superar, visto que a África continua sendo, até hoje, o continente menos reconhecido em comparação à Europa quanto à sua importância na formação da sociedade e cultura brasileiras, especialmente em razão da ideologia do branqueamento (Ribeiro,

1996). Ifá é um sistema de adivinhação da tradição iorubá que permite o contato com Orunmilá, divindade associada à sabedoria e ao destino. Também chamado Ifá-Orunmilá, é o orixá em quem os iorubás confiam para buscar soluções para seus conflitos e anseios. As consultas são realizadas por meio do babalaô, sacerdote que manipula o oráculo e interpreta os 256 Odu, signos que compõem o seu corpo literário. O culto a Ifá promove o desenvolvimento pessoal dos seus seguidores, ampliando seu potencial humano e favorecendo uma vida harmoniosa e alinhada ao destino traçado para eles na Terra. Tal desenvolvimento está vinculado a um resgate da ancestralidade africana, que possibilita aos adeptos um autoconhecimento profundo e a reconexão com seus antepassados. Ifá é considerado um repositório dos valores e crenças do povo iorubá, e sua divinação é utilizada em importantes ritos de passagem, como o nascimento, o casamento, os funerais e a posse dos líderes. Para essa sociedade tradicional, Ifá representa a sabedoria dos ancestrais e, por isso, tem autoridade em todos os aspectos da vida (Abimbola, 1977).

Segundo Abimbola (1977), o sistema religioso iorubá confere a Ifá uma posição singular, pois seus sacerdotes passam por um treinamento extenso e sistemático, e sua mitologia o reconhece como deus da sabedoria. Os sacerdotes chamam-no de obarಿಸà (rei das divindades), visto que Ifá é o intermediário entre os seres humanos, as divindades e os ancestrais, sendo fundamental para que as pessoas alcancem os poderes divinos necessários para resolver seus problemas.

A cosmogonia iorubá, que explica a origem da vida, do universo e dos seres, está organizada no corpo literário de Ifá, onde reside a sabedoria de Orunmilá. Assim, o conhecimento atribuído a Orunmilá, acessado pelo babalaô por meio do sistema divinatório, orienta os consulentes em diversas questões da vida (Abimbola, 1977). Ifá, por sua ligação com a erudição tradicional, vai além da religião, abrangendo a cultura iorubá e preservando seus valores mesmo em sociedades não letradas, como durante a diáspora africana (Abimbola, 1977).

O sistema divinatório de Ifá é o método pelo qual o babalaô acessa Orunmilá para obter respostas e orientações. Esse sistema é composto por 256 Odu, os quais são interpretados a partir dos instrumentos divinatórios como o Opelé Ifá (corrente), Ikins Ifá (sementes), o pó divinatório (Iyerosun) e o tabuleiro (Oponifá) (Abimbola, 1977). Através da combinação dos Odu maiores e menores, o sacerdote interpreta os sinais e orienta o consulente quanto ao passado, presente e futuro (Ribeiro, 1996).

Cada Odu tem características próprias que demandam uma interpretação detalhada pelo babalaô, que domina os aspectos literários, mitológicos e religiosos de cada signo (Abimbola, 1977).

### *Instrumentos divinatórios*

#### Ikin (Os Dezesesseis Caroços Sagrados)

A seguir temos a imagem dos Dezesesseis Caroços Sagrados usados como Oráculo.

Figura 4 – Iquim (plural iquins; em iorubá: ikin)



Fonte: Wikipédia, 2021.

É o fruto de uma espécie específica de palmeira de dendê que, diferentemente das palmeiras comuns, possui três ou mais "olhos" em sua noz. Para o uso nos rituais divinatórios do culto a Ifá, há um processo especial de extração e preparação desses frutos. O jogo de Iquim consiste no uso ritualístico dos caroços de dendê sagrados, conhecidos como Ikin, que são manipulados pelo babalaô para interpretar os Odus do sistema divinatório de Ifá. Essa prática exige conhecimento profundo e é fundamental para a orientação dos consulentes dentro da tradição iorubá.

Os ikin são os caroços da palmeira de Ifá (òpè Ifá) e são considerados os instrumentos divinatórios mais antigos e significativos dentro do sistema de Ifá. Cada fruto contém quatro olhos em sua borda inferior, enquanto outros frutos de palmeiras possuem apenas três. Na tradição iorubá, frutos com quatro olhos são sagrados e não podem ser usados para produção de azeite. Os dezesseis caroços são guardados em uma tigela dentro da residência do sacerdote. O uso dos ikin é reservado para ocasiões raras e importantes, como a coroação de um rei (Abimbola, 1977).

### *Culto e Divindades*

Elendumare, também conhecido por nomes como Olodumare, Olofin e Olorun, é o Ser Supremo para o povo iorubá. O termo Olodumare é uma junção que significa “Senhor com autoridade absoluta sobre tudo” e Olorun significa “Senhor do céu”. Olofin é interpretado como “rei” (Ribeiro, 1996). Embora seja o criador e governante supremo do cosmos, Elendumare não é cultuado diretamente, e seu consentimento é requerido para todos os cultos aos orixás (Abimbola, 1977).

Os orixás são divindades ancestrais que personificam forças e fenômenos naturais. Os orixás primordiais, como Obatalá (Oxalá), Orunmilá (Ifá) e Exu, participaram da criação do mundo. As religiões afro-brasileiras, por sua vez, acreditam e cultuam esses orixás.

#### *Iwá Pele (Fundamentos do Bom Caráter)*

O culto a Ifá fundamenta-se na tradição iorubá, cuja sabedoria, contida no Corpus Literário de Ifá, abrange ensinamentos sobre educação, saúde, história, geografia, além de orientações éticas e morais (Delfino, 2017; Ribeiro, 1996). Segundo a etnopsicologia, alguns princípios básicos ensinados desde a infância incluem o Iwá (caráter) e a paciência. Iwá refere-se ao caráter, considerado essencial para a convivência social harmoniosa e para a prática do bem comum. O desenvolvimento do bom caráter (Iwá Pele) é um dever contínuo e um dos valores mais importantes na tradição iorubá, devendo ser ensinado, praticado e aprimorado (Abimbola, 1977; Ribeiro e Sàlami, 2008). Na visão iorubá, o bem não é apenas a ausência do mal, mas a prática ativa de princípios que impedem a sua manifestação. Que se pode fazer um paralelo com a importância da Ciência da Informação – “a desinformação não é apenas a ausência da desinformação, mas a prática ativa de princípios que impedem a sua manifestação” e quando a gente fala em prática a gente correlaciona com as nossas atividades laborais, nós profissionais da informação, temos muito a contribuir neste sentido – combatendo a desinformação!

#### *Histórico do Culto a Ifá no Brasil*

No final do século XX, o culto a Ifá começou a se expandir no Brasil, principalmente com a chegada de babalaôs cubanos, como Rafael Zamora Díaz, que aportou no Rio de Janeiro em 1990 e difundiu a religião no país (Martins, 2012). Zamora, jornalista cubano, veio ao Brasil para produzir um documentário sobre religiões africanas em Cuba e no Brasil e permaneceu no Rio até sua morte em 2011 (Capone, 2011).

Embora a origem exata de Ifá seja incerta, sabe-se que a religião foi trazida às Américas através do tráfico negreiro da África para países como Brasil e Cuba (Vieira, 2016, p. 5-13).

Rafael Zamora, conhecido como Awóni Orunmilá Ifá Biyi Ogunda Keté, foi fundamental na implantação do culto afro-cubano a Ifá no Brasil. Iniciado na infância, tornou-se babalaô aos 18 anos e fundou a Sociedade de Ifá e Cultura Afro-Cubana no país, iniciando também adeptos do candomblé no culto a Orunmilá (Capone, 2011; Martins, 2012).

Mulheres também podem ser iniciadas, recebendo o título de Apetebis Ni Orunmilá, enquanto a primeira iniciação masculina é denominada Awófakan. Os sacerdotes masculinos são chamados Babalowós. No sistema dos orixás, o jogo divinatório conhecido como

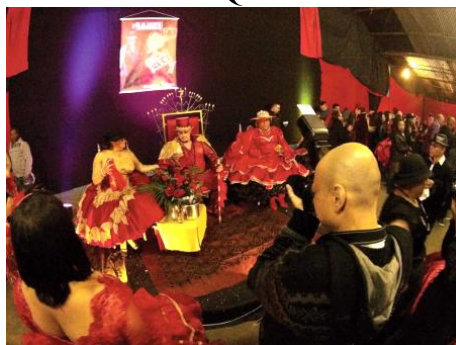
Merindilogun (Búzios) é praticado por yalorixás e babalorixás, sendo vetado aos Babalawós, que utilizam o sistema de Ifá com seus 256 Odus (Santos, 2023, p. 19-53).

O culto a Ifá possui um complexo sistema moral, manifestado nos dezesseis mandamentos presentes no Odú Iká Fun. No Brasil, a integração entre Ifá, o Candomblé e outras religiões afro-brasileiras tem sido enriquecedora para ambas as culturas (L'Orun, 2012). A região Sudeste do Brasil, especialmente o estado do Rio de Janeiro, apresenta o maior crescimento de adeptos iniciados em Ifá (Calvo, 2016, p. 1).

#### 4.4 Quimbanda

A seguir temos uma representação imagética de uma cerimônia da religião.

Figura 5 – Cerimônia da Quimbanda aberta à Mídia.



Fonte: SCielo Brasil.

Registro imagético da entidade espiritual conhecida como Seu Sete, acompanhado por presenças femininas simbólicas, sendo captado por veículos de comunicação.

#### *Origem e História*

A Quimbanda constitui-se como uma religião afro-brasileira autônoma, com estrutura ritual e doutrinária própria, cuja consolidação ocorreu a partir da década de 1960 no estado do Rio Grande do Sul. Embora cultos anteriores já reverenciassem Exu e outras entidades conhecidas como Povo da Rua, é somente nesse período que a Quimbanda se formaliza enquanto religião independente. Sua organização se dá por meio de ritos iniciáticos, símbolos e dogmas, influenciada fortemente pelas práticas do batuque afro-gaúcho.

O termo "Quimbanda" tem origem na língua Quimbundo, que surgiu como uma língua franca entre diversos dialetos africanos, implantada nas colônias portuguesas da África para facilitar a comunicação entre diferentes grupos tribais, especialmente em Angola e Moçambique. Etimologicamente, "Quim" ou "Kim" designa um sacerdote ou curandeiro dentro das tradições bantas, enquanto "Banda" significa local ou cidade. Assim, o termo "quimbandeiro"

pode ser interpretado como grande sacerdote dos cultos bantos, oriundos de regiões como Angola, Benguela e Moçambique.

#### *Aspectos Conceituais e Sincréticos*

Diferentemente da Umbanda, que se consolidou a partir de um sincretismo mais acentuado com o espiritismo e o catolicismo, a Quimbanda apresenta influências de matriz bantu, nagô, iorubá, bem como de elementos das religiões indígenas, do catolicismo popular, do espiritismo kardecista, da alquimia e de filosofias orientais. Em função disso, trata-se de uma tradição religiosa plural e multifacetada.

O sincretismo entre Exu e a figura cristã do Diabo contribuiu para a estigmatização da Quimbanda como culto maligno. Essa confusão é reforçada pela tendência dualista de interpretações ocidentais, que contrapõem bem e mal de forma maniqueísta, sem considerar as especificidades teológicas e filosóficas das tradições africanas.

#### *Práticas e Culto*

Apesar de similaridades externas com a Umbanda, como a presença de imagens católicas e o uso de indumentárias semelhantes, há diferenças essenciais. A Quimbanda realiza rituais como os despachos, que podem incluir galos, galinhas pretas, pólvora, objetos pessoais e elementos simbólicos, frequentemente depositados em encruzilhadas ou cemitérios, geralmente à meia-noite.

Os Exus são entidades centrais da Quimbanda, sendo vistos como espíritos das trevas em distintos estágios de evolução. Dentre eles estão o Exu das Almas, Exu Caveira, Exu Tranca Rua, além de figuras femininas como Maria Padilha e Pombagira Mulambo. Os rituais, como a Gira dos Exus, são marcados por incorporações, danças e expressões corporais intensas.

#### *Linhas da Quimbanda*

A estrutura da Quimbanda é organizada em linhas, cada uma com seu chefe e falanges:

1. Linha Malei – Chefe: Exu Rei.
2. Linha das Almas – Chefe: Omulu.
3. Linha do Cemitério ou dos Caveiras – Chefe: Exu Caveira.
4. Linha Nagô – Chefe: Exu Gererê.
5. Linha de Mossorubi – Chefe: Kaminaloá.
6. Linha dos Caboclos Quimbandeiros – Chefe: Exu Pantera Negra.
7. Linha Mista – Chefe: Exu dos Rios ou Campinas.

### *Distribuição Regional*

A região Sul do Brasil é a que concentra o maior número de adeptos da Quimbanda, sendo Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, a cidade com maior expressão dessa tradição religiosa (Giumbelli; Almeida, 2021).

### *Curiosidades e Contexto Linguístico*

A língua Quimbundo é uma das principais línguas nacionais de Angola, falada principalmente na região de Luanda, sendo classificada como uma língua bantu. Além disso, a religião relacionada aos voduns, de tradição africana ocidental, como Gana e Nigéria, compartilha com a Quimbanda algumas concepções espirituais, incluindo a presença de uma divindade feminina chamada Mawu, relacionada à lua e à maternidade espiritual dos voduns (Wikipédia, 2024).

## **4.5 Vodou**

A seguir temos uma representação imagética da dança dessa religião.

Figura 6 – Dança, uma prática muito importante no Vodou.



Fonte: Shutterstock.

O termo vodum, também conhecido como vudu ou vodou, voodoo designa diversas vertentes de uma tradição religiosa ancestral, originada principalmente entre os povos Jeje-Fon do Benim, onde é considerada a religião nacional e conta com mais de sete milhões de seguidores (Wikipédia, 2025).

A dança desempenha um papel essencial nas práticas do vodou, funcionando como uma expressão corporal que conecta os participantes às entidades espirituais durante os rituais. Por meio dos movimentos rítmicos e coreografias específicas, a dança facilita a comunicação com os orixás e ancestrais, sendo fundamental para a vivência e a transmissão dessa tradição religiosa.

### *Origem e História do Vodum (Vodu)*

O vodu é uma religião de origem africana, especificamente do Reino de Daomé, que combina elementos espirituais e sincréticos. Essa tradição consolidou-se principalmente no Haiti, onde é reconhecida como símbolo de resistência cultural e de ligação com o mundo espiritual. Além de prover suporte espiritual aos seus seguidores em aspectos cotidianos como cura e proteção, a religião fortalece a coesão social e contribui para a preservação da identidade cultural dos povos que a praticam (Wikipédia, 2025).

Sua prática é mais comum no Haiti, no Benim, em Togo e em comunidades da diáspora africana. A crença central envolve um Deus supremo denominado Bondye, bem como espíritos intermediários chamados lwa, que representam tanto os ancestrais quanto a dualidade da alma humana. Os rituais são liderados por sacerdotes (houngans) e sacerdotisas (mambos), e incluem danças, cânticos, oferendas e o uso de símbolos sagrados, que fortalecem a relação entre os fiéis, os lwa e a comunidade (Wikipédia, 2025).

O vodu foi trazido da África Ocidental para o Haiti durante a colonização, onde desempenhou papel crucial na organização e mobilização dos escravizados, especialmente durante a Revolução Haitiana. A cerimônia de Bois Caïman, em 1791, marcou um momento simbólico importante, em que um pacto espiritual uniu os escravizados em sua luta pela liberdade. Após a independência, o vodu manteve sua relevância cultural, embora tenha enfrentado perseguições e estigmatizações tanto internas quanto externas (Wikipédia, 2025).

No Brasil, o vodu influenciou principalmente o candomblé, religião afro-brasileira que compartilha características com o vodu haitiano, especialmente na veneração dos orixás, considerados equivalentes aos lwa. O candomblé adaptou-se ao contexto brasileiro, incorporando elementos das culturas indígenas e europeias, mas preservando sua essência espiritual africana. Tanto o vodu quanto o candomblé atuam como mecanismos de preservação da identidade africana e resistência às narrativas coloniais que buscaram deslegitimar essas práticas religiosas (Wikipédia, 2025).

## 5 TRADIÇÕES RELIGIOSAS DE MATRIZ AFRICANA NO BRASIL

As culturas dos escravizados jejes, fons, minas, fantes e axântis deram origem a diversas tradições afro-brasileiras, entre elas:

- Candomblé Jeje, iniciado em Salvador e no Recôncavo Baiano, com posterior migração para outras regiões como Rio de Janeiro e São Paulo;
- Tambor de Mina, originado em São Luís, Maranhão, com cultos mina-jeje e mina-nagô, posteriormente difundido no Pará;
- Xangô do Nordeste, com presença no Recife e Pernambuco, também chamado Jeje-Nagô;
- Batuque, no Rio Grande do Sul, que apesar de cultuar orixás, apresenta influência jeje e se estende ao Uruguai e Argentina (Wikipédia, 2025).

Na cosmologia jeje-fon, Mawú é a divindade suprema feminina, criadora da Terra e dos seres vivos, associada a Lissá, divindade masculina, formando a dualidade conhecida como Dadá Sebô. Os voduns, divindades subordinadas, são agrupados em famílias principais: Jivodum (voduns do alto), Aivodum (voduns da terra), Tôvodum (voduns locais) e Henuvodum (voduns de clãs específicos) (Wikipédia, 2025).

### *Culto aos Voduns no Brasil*

No Brasil, especialmente nos terreiros da nação jeje, os voduns são cultuados conforme a divisão em famílias, cada qual com suas divindades, cânticos e práticas específicas. Entre os principais voduns destacam-se:

- Fá, vodum do oráculo e da adivinhação;
  - Aizã, guardião do portal entre o mundo espiritual e material;
  - Elebá, protetor das ruas, mercados e da fala;
  - Gú, ferreiro e guerreiro, senhor das armas;
  - Atólú, guardião do palácio real de Savalú;
  - Agé, caçador e guardião das matas;
  - Loco, divindade das árvores e guardião dos preceitos do culto ao vodum;
  - Sapatá, vodum relacionado a doenças e cura, com grande ênfase no candomblé Její Savalú;
  - Sobô, vodum ligado a fenômenos naturais como tempestades e fogo;
  - Nánà, senhora da vida e da morte, muito respeitada no culto Savalú, entre outros.
- Além disso, os terreiros da Casa das Minas, em São Luís, agrupam aproximadamente

sessenta voduns em famílias específicas, como a família real Davice, a família Quevioço (nagô), a família Dambirá (curadora), além das famílias hóspede de Aladánu e Savaluno. Cada família ocupa uma área própria no terreiro e mantém rituais, cânticos e comportamentos próprios. Os títulos “Toi” e “Nochê” indicam, respectivamente, voduns masculinos e femininos (Wikipédia, 2025).

### *Grafia e Conceito*

Também grafado como vodou ou vaudou, o vodu é uma religião de origem africana que teve sua formação no Reino de Daomé, localizado na atual região do Benim, além de outras áreas da África Ocidental como Togo e Nigéria. O termo “vodu” provém da língua fon e significa “espírito” ou “divindade”. Essa crença se caracteriza pela profunda interação entre os planos material e espiritual, fundamentando-se na fé em um Deus supremo, chamado Bondye, e em espíritos intermediários conhecidos como lwa (Wikipédia, 2025).

Esses espíritos intermediários representam forças vitais que personificam diversos aspectos da natureza e da vida humana. No Haiti, onde o vodu foi estabelecido como religião nacional, a tradição africana foi adaptada e enriquecida por elementos do catolicismo e das culturas indígenas locais, resultando em um sincretismo que reflete a complexa trajetória histórica da diáspora africana e sua resistência cultural (Wikipédia, 2025).

O vodu ultrapassa o aspecto religioso, funcionando como um sistema social, cultural e espiritual que organiza a vida dos seus seguidores. Por meio dessa religião, é possível estabelecer comunicação com o mundo espiritual para resolver problemas cotidianos, como enfermidades, conflitos familiares e dificuldades econômicas. Além disso, a prática do vodu promove a coesão social e preserva a identidade cultural e a memória histórica de grupos marginalizados (Campos, 2025)

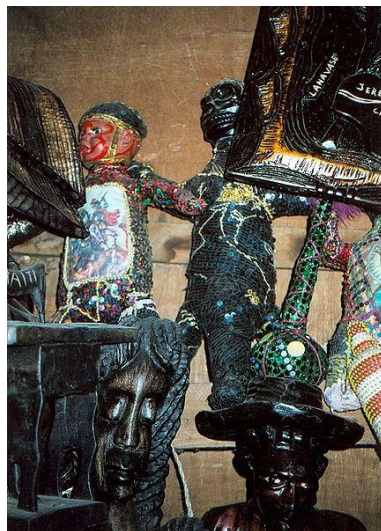
Durante a Revolução Haitiana, o vodu desempenhou papel crucial como elemento de mobilização e resistência contra a escravidão e a opressão colonial. No âmbito espiritual, a religião possibilita a conexão direta com os lwa, por meio de rituais que buscam proteção, cura e prosperidade. A crença em um ciclo contínuo entre vida e morte reforça o vínculo com os ancestrais, conferindo significado e conforto aos praticantes. O uso de objetos, plantas e símbolos em rituais também é comum como forma de interação com o mundo espiritual. Embora o vodu seja majoritariamente associado ao Haiti, sua prática também é registrada em outras regiões do Caribe, como Cuba e República Dominicana, além de países da África Ocidental, incluindo Benim, Togo e Gana. Comunidades da diáspora africana nos Estados Unidos e na Europa popularizaram a religião, adaptando-a aos contextos culturais locais. Contudo, o vodu

ainda sofre preconceitos e estereótipos negativos em muitos desses lugares (Wikipédia, 2025).

Os fundamentos da religião repousam na crença em Bondye, um Deus supremo visto como distante e inacessível, enquanto os lwa, espíritos intermediários, têm papel central nas práticas religiosas. Esses espíritos simbolizam forças naturais, aspectos da existência humana e elementos culturais, sendo classificados em diferentes grupos, como os rada, associados a entidades pacíficas e de origem africana, e os petwo, ligados a forças mais intensas, surgidas no contexto colonial haitiano. Além disso, o vodu valoriza a veneração dos ancestrais e acredita na presença de energias espirituais em elementos naturais, como árvores, pedras e rios. Outro aspecto importante é a concepção dual da alma humana, composta pelo gwo-bon-anj (grande bom anjo) e ti-bon-anj (pequeno bom anjo), que influenciam a vida espiritual e material dos indivíduos (Wikipédia, 2025).

A seguir temos os famosos bonecos de vodu usados nas práticas.

Figura 7 – Bonecos muito usados nas cerimônias de Vodu.



Fonte: Doron / Wikimedia Commons,2002.

Objetos simbólicos usados nas práticas do vodu, os bonecos — conhecidos como fetiches — possuem múltiplas funções, como proteção, cura e conexão espiritual. Feitos de materiais naturais, frequentemente contêm elementos pessoais que fortalecem o vínculo entre o indivíduo e a espiritualidade do ritual.

As peças utilizadas nas práticas do vodu, como os conhecidos "bonecos de vodu", possuem um significado simbólico profundo dentro da religião. Ao contrário dos estereótipos populares que associam esses objetos exclusivamente a rituais de maldição ou controle, eles desempenham funções diversas, incluindo a cura, a proteção e a canalização de energias espirituais. Esses artefatos, chamados de fetiches, são confeccionados a partir de materiais naturais como tecido, madeira, cera ou palha, e frequentemente contêm elementos pessoais do indivíduo

a quem estão vinculados, como fios de cabelo ou pedaços de roupa. Essa conexão simbólica reforça a ligação entre a pessoa e a espiritualidade do rito. Além dos bonecos, outros objetos importantes nos cultos vodu incluem altares, recipientes para oferendas, tambores e figuras que representam os lwa, todos contribuindo para criar um ambiente propício à comunicação entre os praticantes e o mundo espiritual (Campos, [s.d])

### *Rituais de Vodou*

A seguir temos representado uma cerimônia ou ritual de Vodou.

Figura 8 – Cerimônia de Vodou



Cerimônia conduzida por sacerdotes (houngans) e sacerdotisas (mambos), onde os participantes invocam os espíritos lwa por meio de cantos, danças e símbolos rituais, em ambientes sagrados como templos ou locais naturais, buscando proteção, cura e fortalecimento da comunidade.

Os rituais da tradição vodu são conduzidos por líderes religiosos conhecidos como houngans (sacerdotes) e mambos (sacerdotisas), e ocorrem em espaços cerimoniais denominados *houmfò* ou em ambientes naturais como florestas e quedas d'água. Nessas práticas, há a invocação dos *lwa* — espíritos intermediários — por meio de elementos simbólicos como danças, cânticos, percussões e desenhos ritualísticos chamados *vèvè*, que representam cada entidade espiritual. Instrumentos específicos, como o *asson* (chocalho sagrado), desempenham papel crucial na invocação e despedida dos espíritos (Wikipédia, 2025). Esses rituais incluem também oferendas, como alimentos e bebidas, e, em algumas ocasiões, sacrifícios de animais. Essas práticas visam reforçar a conexão entre os fiéis e o mundo espiritual, promovendo proteção, saúde e equilíbrio para a comunidade. Além de seu caráter espiritual, os rituais possuem uma dimensão terapêutica, combinando medicina tradicional com espiritualidade (Wikipédia, 2025).

A palavra “zumbi”, amplamente divulgada na cultura popular, tem sua origem nas crenças voduístas e refere-se, nesse contexto, a indivíduos que teriam perdido sua autonomia por influência espiritual. A religião vodu, embora muitas vezes mal compreendida ou estigmatizada

pela mídia, possui uma estrutura complexa e significativa, sendo oficialmente reconhecida como religião no Haiti desde 2003, marcando sua importância como símbolo de resistência cultural (Campos, [s.d]).

A iniciação nos cultos dos voduns é um processo extenso e profundo, especialmente nas formas mais tradicionais do candomblé jeje. A formação inclui práticas internas e externas, com ritos iniciáticos como *Glá*, *Dengwe*, *Mixaô*, além da aprendizagem litúrgica no *Húngbè* e no *Núbyatô*, o que fortalece a identidade ritualística e diferencia o povo jeje de outras expressões religiosas afro-brasileiras (Wikipédia, 2024).

A seguir temos a Rainha do Voodoo e do Hoodoo de Louisiana,USA.

Figura 9 – Rainha do Voodoo e do Hoodoo de New Orleans,USA.



Marie Laveau, figura histórica de destaque nas tradições afro-americanas, é frequentemente reconhecida como a "Rainha do Vodou e do Hoodoo", sendo uma das principais responsáveis pela consolidação dessas práticas em Nova Orleans, Louisiana (Wikimedia Commons, 2025).

O Hoodoo, prática espiritual afro-americana, caracteriza-se por uma forte mescla com o xamanismo indígena, resultado da convivência entre comunidades indígenas e africanas escravizadas, especialmente no Sul dos Estados Unidos, com destaque para Nova Orleans. Apesar de suas raízes africanas e afro-diaspóricas, o Hoodoo e o Vodou têm ganhado notoriedade em outros países, inclusive no Brasil (Bruxaria, 2025; Wikipédia, 2025).

Diferente do Vodou, que é uma religião estruturada, o Hoodoo se configura como um sistema mágico sincrético e prático. Esse sistema incorpora elementos de tradições africanas (como o Ifá, o Vodum e influências bantas), do Cristianismo popular (com salmos, orações e devoção a santos), da magia europeia (com grimórios e feitiçaria popular), formando um corpo de práticas voltadas para proteção, cura, amor, justiça, prosperidade e abertura de caminhos. Seu caráter pragmático e individualizado é reconhecido pela rapidez nos resultados (Bruxaria,

2025).

Segundo Jade (2025), compreender o Hoodoo requer antes entender o Vodou, pois ambos compartilham a base ancestral como eixo espiritual. Toda prática mágica, segundo essa visão, está ancorada na ancestralidade, e cada desafio pode ser enfrentado por meio de um correspondente mágico dentro do sistema Hoodoo. Essa sobreposição de elementos leva à confusão comum, especialmente em Nova Orleans, onde ambas as tradições se entrelaçam em determinadas práticas (Hoodoo, 2025).

A historiadora Bárbara Gregório, citada por Oster (2022), destaca a crescente presença dessas tradições no Brasil, ainda que não existam dados concretos sobre a distribuição geográfica de seus praticantes.

O panteão vodou se organiza em torno de “nações” ou “famílias” de Lwas, que representam diferentes aspectos da existência humana e da natureza. São 21 famílias, entre as quais se destacam Rada, Petwo, Congo, Nagô e Ghede. Cada Lwa tem atributos específicos, com cores, músicas, oferendas e condutas próprias, sendo muitos oriundos diretamente do vodou daomeano (Fernandez, 2025).

A tradição Rada é associada à paz, paciência e perdão, sendo seus Lwas considerados mais acessíveis, ainda que poderosos. Já os Petwo Lwas, ligados a sociedades secretas como os Bizango e os Sanpwel, apresentam natureza mais bélica e exigente, sendo invocados para questões relacionadas à cura, prosperidade e proteção. Os Ghede, por sua vez, representam a transição entre vida e morte, atuando como guias espirituais e patronos dos cemitérios, sendo liderados por figuras como Barão Samedi e Mama Brigitte (Fernandez, 2025).

Dentro do Vodou haitiano e de Nova Orleans, é comum o culto a espíritos específicos, alguns herdados diretamente da tradição africana, outros desenvolvidos nas Américas. Exemplos incluem Damballah Wedo (espírito serpente associado à criação), Erzulie Freda (amor e beleza), Papa Legba (guardião das encruzilhadas), La Sirène (deusa do mar e da riqueza), entre muitos outros. Entre os Lwas sincréticos presentes em Nova Orleans, destacam-se figuras como Marie Laveau, conhecida como a "Rainha do Vodou", cujo legado mistura elementos africanos e católicos. Elevada a Lwa após sua morte, suas práticas foram fundamentais para a difusão do vodou na cidade (Fernandez, 2025).

Outros espíritos cultuados incluem Black Hawk (espírito guerreiro indígena associado à justiça), Dr. John (figura histórica e mágico poderoso de Nova Orleans), e Mary Magdalene (venerada por profissionais do sexo como intercessora espiritual). Há também a presença de divindades da tradição iorubá no vodou, denominadas “Sete Poderes Africanos”, que, embora reinterpretadas, mantêm similaridades com seus correspondentes africanos. Papa Legba, por

exemplo, é comparado a Elegguá, enquanto Damballah Wedo compartilha aspectos com Obatalá, o criador e regente da mente no panteão iorubá. Essa equivalência, no entanto, não implica identidade entre as entidades, como no caso de Exu, Elegguá e Legba, frequentemente confundidos (Fernandez, 2025).

### *Legislação Federal e Liberdade Religiosa*

A liberdade religiosa é um direito fundamental que se vincula diretamente à dignidade da pessoa humana e ao ideal de convivência plural em sociedade. Segundo Nascimento (2020), esse direito não apenas fortalece a coesão social, ao permitir a livre expressão de diferentes crenças, como também funciona como mecanismo de proteção contra discursos que promovem o ódio e a intolerância. A intolerância religiosa, ao contrário, compromete a paz social e gera consequências danosas, como a discriminação, a violência e a exclusão.

No campo dos direitos humanos, Nascimento (2020) destaca que a liberdade religiosa possui valor pleno, conforme estabelecido no artigo 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Tal artigo assegura a todas as pessoas o direito à liberdade de pensamento, consciência e religião, incluindo a possibilidade de mudar de crença, bem como de manifestá-la individual ou coletivamente, em público ou em privado, por meio de ensino, prática, culto e ritos (Onu, 1948).

No contexto jurídico brasileiro, a liberdade religiosa tem sido reconhecida desde a Constituição da República de 1891, que proibiu à União e aos Estados estabelecer ou embaraçar o exercício de qualquer culto (Brasil, 1891).

Posteriormente, houve uma alteração na legislação brasileira com a promulgação da Lei nº 9.459, de 15 de maio de 1997, que tipifica o crime de intolerância religiosa e estabelece punições para quem discriminar alguém por motivos de crença ou prática religiosa. Essa norma complementa a proteção já prevista na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 5º, inciso VI, que assegura a liberdade de consciência e de crença: “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias” (Brasil, 1997).

A Lei nº 9.459/1997 prevê que a prática de discriminação religiosa é punível com pena de reclusão de um a três anos e multa. Sua aprovação representou um avanço significativo no combate à intolerância religiosa, que ainda persiste no país, afetando, de forma recorrente, religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda, bem como outras minorias religiosas. (Brasil, 1997)

A Carta Magna também prevê outras garantias associadas à liberdade religiosa, como o

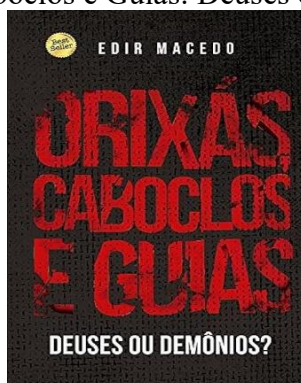
direito à assistência espiritual em instituições civis e militares de internação coletiva; a possibilidade de prestação de serviço alternativo àqueles que, por convicção religiosa, não possam cumprir o serviço militar obrigatório; e a oferta facultativa de ensino religioso nas escolas públicas de ensino fundamental, respeitando a diversidade e a liberdade de escolha dos estudantes (Brasil, 1988).

Essas previsões constitucionais em tese demonstram o compromisso do Estado brasileiro com a laicidade, o pluralismo religioso e a dignidade humana, pilares essenciais para a promoção de uma sociedade democrática e justa.

## 6 O CONTEXTO DA DESINFORMAÇÃO RELIGIOSA NO BRASIL

A seguir temos um canal relevante representado na figura 10 na disseminação da desinformação, especialmente no contexto das *fake news*, são as publicações impressas com grande alcance, como é o caso de livros que, ao venderem milhões de cópias, reforçam discursos intolerantes e preconceituosos. Essas obras contribuem para a legitimação social de ideias distorcidas sobre religiões de matriz africana, muitas vezes travestidas de verdade religiosa ou moral absoluta.

Figura 10 – Livro *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?* de Edir Macedo.



A capa do livro *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?*, de Edir Macedo, exposta na figura 10 revela já no título uma abordagem polarizadora e ofensiva às religiões de matriz africana. A escolha das palavras sugere um juízo de valor que opõe diretamente as divindades cultuadas por essas tradições ao imaginário cristão demonizado, evidenciando um discurso de intolerância religiosa. O design visual reforça a ideia de confronto e busca induzir o leitor à associação entre práticas afro-brasileiras e forças malignas.

Esse discurso promove estigmas que atingem não apenas as religiões de matriz africana, mas também seus praticantes, principalmente as mulheres. Segundo Santos (2010), o autor sugere que o sexo feminino é mais vulnerável à ação demoníaca, reproduzindo uma visão machista e hierarquizada das relações de gênero. A figura da mulher, nesse contexto, é retratada como mais suscetível à possessão e ao pecado, o que reforça desigualdades já presentes no imaginário social. Além disso, a obra também expressa preconceito contra pessoas LGBTQIA+, associando suas identidades e sexualidades a entidades demonizadas, como pombagiras, com destaque à figura da “Maria Molambo”. (Santos, 2010)

Apesar de criticar duramente práticas religiosas afro-brasileiras, a IURD se apropria de elementos dessas religiões, como o uso de velas, roupas brancas, sal grosso, arruda, sessões de descarrego, entre outros. Essa contradição, segundo Santos (2010), evidencia a hipocrisia da instituição e de seu fundador.

A pesquisadora Valdelice Conceição dos Santos (2010) analisa de forma crítica a obra *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?*, escrita por Edir Macedo, apontando que, apesar de seu amplo alcance entre os fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), o livro está carregado de intolerância religiosa, preconceito e violência simbólica<sup>1</sup>, contribuindo para práticas concretas de exclusão social e perseguição a outras religiões. Para a autora, Macedo constrói um discurso que associa diretamente as entidades das religiões afro-brasileiras ao mal e ao demônio, configurando uma “guerra santa” entre sua denominação e essas tradições, o que reforça a lógica dualista de IURD versus Satanás.

Apesar de criticar duramente práticas religiosas afro-brasileiras, a IURD se apropria de elementos dessas religiões, como o uso de velas, roupas brancas, sal grosso, arruda, sessões de descarrego, entre outros. Essa contradição, segundo Santos (2010), evidencia a hipocrisia da instituição e de seu fundador.

Como resposta a esse cenário de intolerância, o professor e babalorixá Sidnei Nogueira, mestre e doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo, publicou a obra *Intolerância Religiosa*, que se destaca por oferecer um panorama histórico da perseguição religiosa no Brasil e no mundo. O livro foi tão relevante que recebeu o Prêmio Jabuti em 2021 (Google Books, 2020).

Lançado em maio de 2020 durante a pandemia de COVID-19, o livro integra a coleção *Feminismos Plurais*, coordenada por Djamila Ribeiro, e dialoga com outros intelectuais negros brasileiros, como Silvio Almeida e Carla Akotirene. A obra de Nogueira está estruturada em quatro partes principais: uma introdução e três capítulos que abordam a trajetória histórica da intolerância, o racismo como base da perseguição religiosa e a proposta de uma epistemologia negra como instrumento de enfrentamento ao preconceito (Araújo J, 2020, p. 238).

A obra de Edir Macedo foi levada à Justiça por adeptos das religiões afro-brasileiras, que pediram a suspensão da venda e circulação do livro, alegando seu teor ofensivo. A juíza Nair Cristina de Castro argumentou que o conteúdo ultrapassava os limites da liberdade religiosa, pois, em vez de se restringir à expressão da fé professada pelo autor, promovia ataques pejorativos a outras crenças, incitando à discriminação. A decisão judicial de 2005 determinou

---

<sup>1</sup> Significado: A violência simbólica é um conceito elaborado por Pierre Bourdieu (1998) para descrever um tipo de dominação que se exerce de forma invisível, naturalizada e legitimada pelas estruturas sociais. Diferente da violência física, ela atua por meio de práticas discursivas, normas culturais, linguagens e símbolos que impõem a inferiorização de determinados grupos sociais. No Brasil, essa forma de violência é particularmente evidente no campo religioso, afetando de maneira sistemática os praticantes das religiões de matriz africana, como o Candomblé, a Umbanda e suas derivações. BORDIEU (1998); SILVA (2007); NOGUEIRA (2020).

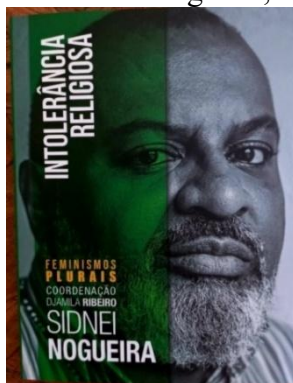
a retirada do livro das prateleiras, classificando-o como preconceituoso por qualificar a Umbanda, a Quimbanda e o Candomblé como “seitas demoníacas” associadas ao subdesenvolvimento nacional e ao uso de entorpecentes. No entanto, em 2006, o Tribunal Regional Federal da 1ª Região revogou essa decisão, alegando que a proibição violaria a liberdade de expressão garantida pela Constituição Federal (Wikipédia, 2024).

Fatos sobre o Livro De Edir Macedo apresentados pelo Babalorixá Sidnei Nogueira segundo os saberes tradicionais

Sidnei Nogueira, babalorixá e doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo, aponta que o livro *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?*, de Edir Macedo, é um dos maiores exemplos de produção escrita marcado pela intolerância religiosa no Brasil. Segundo Nogueira, a obra reproduz estigmas históricos e preconceitos que associam religiões afro-brasileiras ao mal, ao demônio e à desordem, legitimando, assim, ações de perseguição simbólica e física contra seus praticantes. Para ele, o livro é parte de um projeto maior de demonização das tradições afro-brasileiras, responsável por reforçar o racismo religioso e promover a exclusão de grupos historicamente marginalizados (Nogueira, 2020).

A seguir temos o livro do Babalorixá Sidnei Nogueira:

Figura 11 – Livro: Intolerância Religiosa, Sidnei Nogueira, 2020.



A imagem do livro *Intolerância Religiosa*, de Sidnei Nogueira, ilustra visualmente a denúncia das violências simbólicas e estruturais enfrentadas pelas religiões de matriz africana no Brasil. A capa do exemplar, com elementos gráficos fortes, sugere a tensão entre fé, resistência e o preconceito histórico contra as manifestações religiosas negras. O destaque dado ao título e à temática já introduz o leitor ao teor crítico da obra, que propõe o combate ao racismo religioso e a valorização das tradições afro-brasileiras (Nogueira, 2020; Katuka, 2020).

De acordo com Nogueira (2020), desde a fundação da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), em 1977, no Rio de Janeiro, intensificaram-se os ataques simbólicos e físicos às religiões de origem africana como a Umbanda, a Quimbanda e o Candomblé. Essa perseguição é transformada em um verdadeiro “espetáculo da violência” voltado contra tudo que remete à

ancestralidade e à liturgia africana. Tal postura reflete não apenas um posicionamento doutrinário, mas também reproduz a forma como a sociedade brasileira historicamente marginalizou essas tradições religiosas, inclusive em espaços institucionais, como o ambiente de trabalho, onde frequentemente se impõem manifestações cristãs como forma normativa de religiosidade (Nogueira, 2020, p. 15–16).

Esse processo de estigmatização é também contextualizado por Shadow (2022), ao lembrar que as religiões afro-brasileiras, originadas das tradições espirituais dos povos africanos escravizados, se sincretizaram com elementos do catolicismo, criando práticas híbridas profundamente enraizadas na cultura brasileira. Ainda assim, essas religiões são constantemente marginalizadas e associadas a práticas demonizadas, o que reforça estereótipos discriminatórios.

No livro *Intolerância Religiosa segundo os Saberes Tradicionais*, o Babalorixá Sidnei Nogueira apresenta uma leitura contundente sobre a propagação da intolerância religiosa no Brasil, com destaque para os discursos produzidos por lideranças neopentecostais. Um dos principais alvos de sua crítica é o bispo Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, especialmente em relação aos conteúdos do livro *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?*, de autoria de Macedo.

Segundo Nogueira (2020), essa obra de Edir Macedo não apenas distorce os fundamentos das religiões afro-brasileiras, como também fomenta a intolerância religiosa ao associar de maneira pejorativa e demonizante entidades como Orixás, Caboclos e Guias espirituais. Para o autor, esse tipo de discurso representa uma ameaça direta à diversidade religiosa e à liberdade de culto, uma vez que reforça estigmas históricos profundamente enraizados no racismo estrutural brasileiro (Nogueira, 2020).

A crítica de Nogueira é embasada nos saberes tradicionais das religiões de matriz africana, oferecendo uma resposta à altura das agressões simbólicas e ideológicas presentes em certas narrativas cristãs fundamentalistas. Ele denuncia a tentativa de silenciamento e deslegitimação dos cultos afro-brasileiros por meio de estratégias que associam suas divindades à figura do mal, numa lógica colonialista que persiste até os dias atuais (Nogueira, 2020).

Mais do que uma denúncia, Nogueira propõe um resgate da dignidade dos povos de terreiro, afirmando a importância dos conhecimentos ancestrais e das cosmovisões africanas no contexto brasileiro. O autor destaca que a demonização das religiões afro-brasileiras não é apenas um ataque espiritual, mas também uma violência epistemológica e identitária que impacta negativamente a autoestima e a vivência de muitos praticantes dessas tradições (Nogueira, 2020).

Dessa forma, *Intolerância Religiosa segundo os Saberes Tradicionais* se constitui como

uma obra de resistência e de reexistência, utilizando a escrita como instrumento de denúncia, afirmação e pedagogia. Ao confrontar frontalmente obras como a de Edir Macedo, Sidnei Nogueira contribui para o debate sobre liberdade religiosa, laicidade do Estado e a urgente necessidade de combater o preconceito religioso no Brasil.

Em 2023, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei nº 14.519/2023, que institui o Dia Nacional das Tradições de Raízes de Matrizes Africanas e das Nações do Candomblé, comemorado anualmente em 21 de março.

## 6.1 Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, fundamentada em levantamento preliminar para a construção de referencial teórico e em análise documental de conteúdos veiculados em redes sociais de acesso aberto. A escolha das redes sociais como campo empírico se justifica por seu papel central na formação de discursos contemporâneos e na propagação de narrativas sociais, em especial o *TikTok*, plataforma que apresenta um crescimento exponencial no Brasil e ampla penetração entre diferentes faixas etárias, segundo relatório da DataReportal (2025).

A seleção da amostra documental seguiu critérios qualitativos, priorizando publicações que apresentam elevado índice de visualizações, curtidas e compartilhamentos, bem como aquelas cujo conteúdo foi julgado como ofensivo ou depreciativo em relação às religiões de matriz africana e seus praticantes e simpatizantes. As postagens foram coletadas ao longo do mês de janeiro, tendo como base as seguintes palavras-chave: "Pretos Velhos", "Religiões Afro-brasileiras", "Exu" e "Demônios". A escolha desses termos busca capturar representações simbólicas recorrentes que articulam preconceitos e manifestações de intolerância religiosa no ambiente digital.

Foram selecionadas e analisadas dez postagens da plataforma *TikTok*, e no Instagram durante nas primeiras semanas de Janeiro do ano de 2025, cujo conteúdo se relaciona diretamente com o conhecimento tradicional afro-brasileiro o africano. Em especial uma postagem do *Instagram* pois ele é mais fiel a realidade segundo os saberes tradicionais bastou a procura pelo termo Exu que foi recuperada aquela postagem sobre Exu Marabô e Exu Tiriri.

A busca foi feita na aba dos vídeos para você com as seguintes palavras chave na barra de pesquisa "exu é demônio" no *TikTok*, como resposta em contrapartida a busca no *Instagram* o " significado de Exu", já as demais pesquisas foram todas feitas no *TikTok* na mesma aba somente mudando as palavras chave para "pombagira" e "pombagira é demônio"; "orixás" e "orixás são demônios?"; "religiões afro são satânicas" ,pretos velhos são demônios?, foram

obtidos os mesmos resultados para os dois últimos termos selecionando os vídeos mais acessados em relação a cada termo. Cada imagem aparece em uma página acompanhada de sua devida chamada na parte superior.

Essa abordagem visa identificar padrões discursivos que reforçam estigmas históricos e culturais, além de contribuir para o debate acadêmico sobre os impactos das redes sociais na manutenção e na disseminação da intolerância religiosa no Brasil. As redes sociais são utilizadas para propagar esses discursos de ódio e preconceitos em forma de disseminação de desinformação.

## 7 RESULTADOS

Os tipos mais comuns de *fake news* disseminadas acima e a verdade abaixo nas duas redes sociais mais populares do Brasil:

A seguir temos uma imagem de Vinícius Antunes buscando desmistificar a desinformação em relação às religiões.

*Figura 12 - Fake News: "Exu é o Diabo."*



A resposta curta é não, não é, e conforme Vechi (2021), a resposta completa seria:

Exu é um Orixá essencial nas religiões de matriz africana e uma figura central na cultura yorubá. Associado ao movimento, à comunicação e à supervisão do Àṣẹ (Axé) – energia vital que permeia todas as coisas –, ele desempenha um papel fundamental na ordem do mundo e na condução das ações humanas.

*Observação:* O Vídeo acima foi feito pelo ator e comediante Vinícius Antunes como parte de seu projeto de doutorado, no estudo de Fake News pela UERJ, em 2024.

A seguir temos a figura de dois Exus representados por Inteligência Artificial Exu Tiriri da Calunga e Marabô da Encruzilhada:

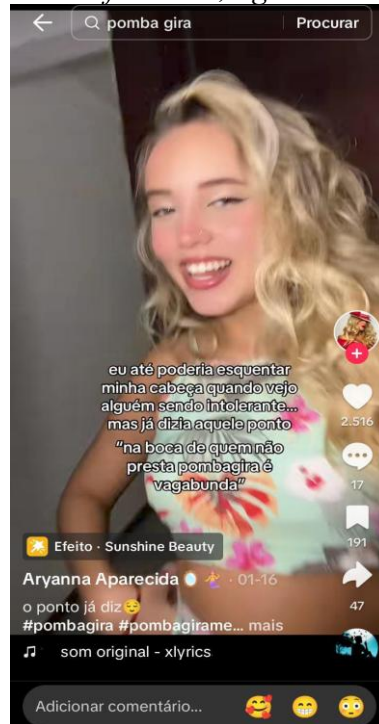
*Figura 13 - Fato: Exu abre seus caminhos na Terra.*



Créditos da Imagem: *Instagram.*

A seguir temos uma praticante da religião citando uma das Fake News ligada a Entidade Pombagira:

*Figura 14 - Fato: É uma entidade feminina, ligada ao empoderamento e confiança.*

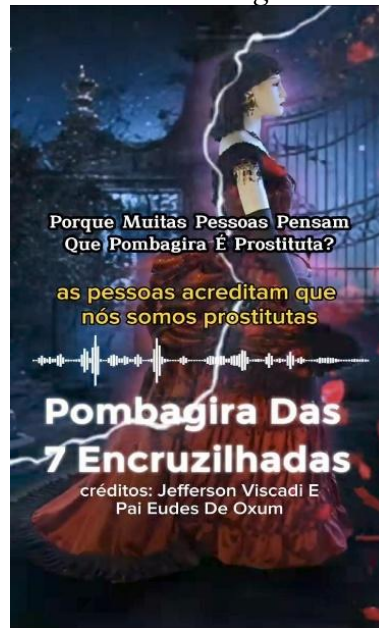


Créditos da Imagem: *TikTok*.

Nessa postagem, a autora Aryanna Aparecida fala sobre preconceito religioso e a alcunha atribuída à Pomba Gira, situação que se assemelha à figura 3.

A seguir temos a imagem que desmente a relação das Pombagiras com a promiscuidade:

*Figura 15 - Fake News: “Pombagira é Puta, Prostituta”.*



Créditos da Imagem: *TikTok*.

Esse vídeo desmente a falsa noção de que essa figura feminina seja uma profissional do sexo, o que por si só não a desqualifica, mas no geral o significado de prostituta ao se referir à Pomba Gira é carregado de preconceitos, entendendo a prostituta como mulher sem valor, degenerada, entretanto, conforme Alvez (2021): A "Pomba Gira é uma entidade espiritual presente na Umbanda, no Candomblé e na Quimbanda, considerada um Exu feminino e mensageira entre o mundo dos orixás e a Terra". Fescina (2013) nos diz sobre a Pomba Gira:

Representada como uma mulher sensual, independente e dominadora, manifesta-se por meio da incorporação em médiuns. Sua atuação espiritual abrange desde aconselhamentos sobre problemas cotidianos até rituais voltados para questões amorosas.

A Pomba Gira surgiu no início do século XX, simbolizando a libertação feminina das normas de submissão impostas por uma sociedade machista e patriarcal. Segundo o médium Rubens Saraceni, essa entidade é especialista em amor e relacionamentos, pois representa o Trono do Desejo e do Estímulo. (Fescina,2013)

A seguir temos a desinformação de que Orixás são demônios representada na figura:

Figura 16 - Fake News: “Orixás são Demônios”. Nesse vídeo, temos João Pedro um Babalorixá da Umbanda esclarecendo uma desinformação.



Créditos da imagem: TikTok

A seguir temos a Fake News desmentida:

*Figura 17 - Fato: Orixás são forças da natureza que nos curam e nos deixam otimistas. A imagem busca combater uma desinformação sobre o significado de orixás.*



Crédito da Imagem: TikTok

Orixás são divindades cultuadas em religiões africanas e brasileiras de matriz africana. Associados às forças da natureza, aos ancestrais divinizados e às energias divinas, eles desempenham papéis fundamentais na mitologia iorubá e se popularizaram no Brasil por meio do Candomblé e da Umbanda.

Entre os mais conhecidos estão Xangô, Exu, Iemanjá, Iansã, Oxalá, Oxum, Nanã e Ogum, embora existam muitos outros. Cada orixá possui características próprias, que podem influenciar seus filhos espirituais. Suas atribuições incluem proteger crianças, comunidades e até o mundo como um todo.

Umbanda e Candomblé, apesar de compartilharem a veneração aos orixás, possuem visões distintas sobre essas divindades. Há diferentes formas de descobrir o orixá regente de uma pessoa, mas todas exigem a orientação de um sacerdote.

Durante a escravidão, os africanos e seus descendentes no Brasil foram forçados a sincretizar os orixás com santos católicos para manter suas práticas religiosas, muitas vezes de forma oculta.

Diversas histórias sobre a origem dos orixás revelam aspectos filosóficos das religiões africanas e de matriz africana. (Vechi,[s.d]).

A seguir temos a Fake News mais comum entre os que desconhecem essas religiões:

*Figura 18 - Fake News: “Religiões Afro são satânicas!”<sup>2</sup> Nessa postagem, um pastor de uma igreja neopentecostal faz a afirmação equivocada.*



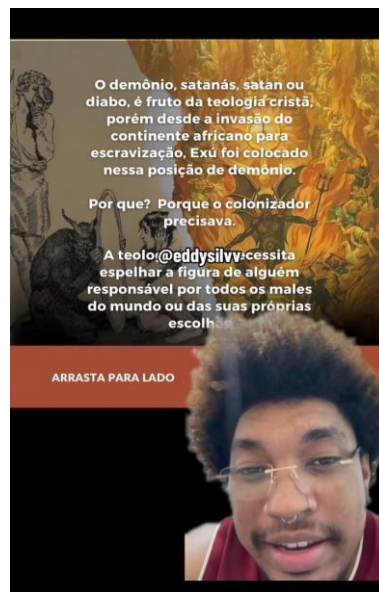
Créditos da Imagem: *TikTok*.

---

<sup>2</sup> Outro termo popular utilizado entre os intolerantes para se referir às religiões afro-brasileiras é o Conceito “ Macumba” refere-se tanto a um instrumento de percussão de origem africana quanto a um ritual ou culto afro-brasileiro, mas hoje em dia o termo é frequentemente usado de forma pejorativa para descrever genericamente as religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda, e os seus rituais e oferendas. O uso pejorativo do termo está associado ao preconceito e à desinformação sobre estas religiões. (Rocha,C.,2025)

A seguir temos representado na figura as principais causas do racismo religioso:

*Figura 19 – Fato: Os colonizadores inventaram a demonização das religiões de Matriz Africana para subalternizar os negros e justificar a Escravidão.*



Crédito da Imagem: *TikTok*.

“Essas crenças possuem maior ou menor grau de influência europeia e indígena e nascem da cultura de diversas etnias africanas, como iorubás, lundas e ashantis. As mais conhecidas são o Candomblé e a Umbanda”. (Shadow,2022) Do encontro cultural entre os elementos das três matrizes formadoras da sociedade brasileira – índio, africano e europeu – surgiram as chamadas religiões afro-brasileiras, entre as quais podemos citar: Candomblé, Candomblé de Caboclo, Umbanda, Quimbanda, Tambor de Mina, Jurema, Omolocô, Umbandomblé, entre outros. Matriz significa fundamento ou centro, mas, na verdade, elas são uma mistura de culturas. (Franco, 2021).

A seguir temos a representação da Fake News que Pretos Velhos são do mal:

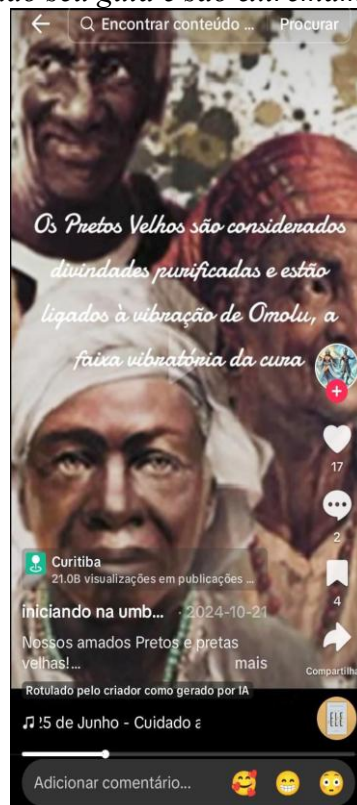
*Figura 20 – Fake News : “Preto Velho é demônio”*



Créditos da Imagem : *TikTok.*

A seguir temos o significado do conceito Pretos Velhos representado:

*Figura 21 - Fato : São entidades que te auxiliam no teu caminho e te ajudam sempre que você pedir, sendo seu guia e são extremamente generosos.*



Créditos da Imagem TikTok.

São entidades veneradas por sua generosidade, amor e sabedoria, personificando os idosos africanos que enfrentaram as agruras da escravidão e agora orientam os vivos com sua paciência e conhecimento milenar. Na vibração de Omolu, patrono da cura, os Preto-Velhos se manifestam, portando seus cachimbos e ramos de arruda, símbolos de purificação e cura espiritual. Com rezas e água fluidificada, eles banham os fiéis em energias restauradoras, enquanto o fumo do cachimbo afasta as negatividades, harmonizando os espíritos presentes. A cada 13 de maio, marco da abolição da escravatura no Brasil, a Umbanda celebra os Preto-Velhos, louvando sua influência nos rituais espirituais. Nesses cultos, os cânticos reverenciam suas presenças, fortalecendo a conexão entre o mundo terreno e espiritual. (Fundação Cultural Palmares,2024).

## 7.1 Discussão dos resultados

Das dez postagens analisadas no TikTok, todas reforçam discursos desinformativos e pejorativos sobre religiões de matriz africana, revelando um padrão de intolerância religiosa. Encontradas na primeira semana de Janeiro de 2025, observa-se que a maioria dessas manifestações parte de indivíduos ligados a vertentes evangélicas, sobretudo neopentecostais. Somente em uma postagem no Instagram foi encontrada uma publicação com o significado do termo “Exu” segundo os saberes tradicionais dessas religiões.

Isso confirma o que afirma Dos Santos (2010), indica que parte do discurso pentecostal atual mobiliza símbolos afro-brasileiros como representações do “mal”. Aquelas que se apropriaram de seus ritos conseqüentemente.

Ao mesmo tempo, eu fiz a análise das respostas e discursos de especialistas — como sacerdotes, praticantes e estudiosos das religiões afro-brasileiras — revela uma construção baseada em saberes tradicionais, reconhecidos como formas legítimas de conhecimento e resistência (Nogueira,2020). Esses saberes envolvem práticas como o uso de ervas medicinais, benzimentos, passes espirituais e a leitura simbólica da doença e da cura, o que configura um campo epistemológico próprio da cultura afro-brasileira.

Essa oposição entre o discurso de ódio e o discurso de resistência evidencia o embate simbólico que ocorre nas redes sociais: de um lado, a tentativa de demonização; de outro, a afirmação do conhecimento tradicional como cultura viva. Inclusive, a crítica à apropriação de práticas afro-brasileiras por algumas igrejas neopentecostais, como o uso de sal grosso, óleo ungido e objetos consagrados, aparece com frequência nos artigos analisados, apontando para um processo contraditório de recusa e, ao mesmo tempo, apropriação simbólica (Santos ,2010).

Em contrapartida a esse discurso de ódio temos o surgimento de discursos de resistência e militância criando assim até uma nova expressão chamada Racismo Religioso que expõe o seguinte: “A verdade sobre a intolerância religiosa é branca: mais um dos tentáculos do racismo”. Aqui, Sidnei denuncia que, por trás discurso de ódio e violência enraizados em nossa sociedade, há uma branquitude racista em atuação, sendo assim acaba por criar a expressão racismo religioso como substituta da intolerância religiosa. Uma das muitas características deixadas pela Período Colonial além do Sincretismo Religioso que por sua vez embranquece as religiões de matriz africana.

## 8 CONCLUSÃO

A partir dos resultados obtidos, foi possível constatar que os conteúdos desinformativos são, em sua maioria, disseminados por meio das mídias sociais mais populares, como o TikTok. Embora o estudo tenha se limitado a essa plataforma, ressalta-se que a circulação de informações – incorretas – ocorre em todas as redes sociais, sendo comum a presença de discursos discriminatórios, mesmo em ambientes digitais de ampla visibilidade.

Os dados analisados também evidenciam que o sincretismo religioso, cuja origem remonta ao período escravocrata, quando os povos escravizados ocultavam suas divindades sob a figura dos santos católicos, tem sido deturpado na contemporaneidade. Atualmente, o sincretismo é, muitas vezes, instrumentalizado para deslegitimar e descaracterizar as religiões afro-brasileiras, evidenciando a permanência da branquitude estrutural e do racismo religioso.

O conceito de racismo religioso, conforme discutido ao longo deste trabalho, representa a intolerância direcionada, sobretudo, às religiões de matriz africana, frequentemente promovida por determinados segmentos do protestantismo pentecostal e neopentecostal. Para além da disseminação de discursos de ódio — que incluem a violência simbólica e verbal —, observa-se a recorrente apropriação de elementos dessas tradições, como o uso de vestimentas brancas, óleo ungido, sal grosso e o benzimento de objetos, sem o devido reconhecimento de suas origens culturais e religiosas.

Em diversos casos, tal apropriação cultural não apenas deslegitima essas religiões, mas é também instrumentalizada comercialmente, gerando lucros significativos por meio da reinterpretção de práticas originárias das religiões afro-brasileiras. Essa dinâmica contribui para a estigmatização contínua dessas crenças, ao passo que beneficia economicamente líderes religiosos que exploram tais elementos sem reconhecer suas fontes. Tal fenômeno evidencia a complexa relação entre intolerância religiosa, mercado da fé e desigualdade simbólica.

Em contrapartida, observa-se também formas de resistência por parte de ativistas, que preservam seus ritos, tradições e crenças, ao mesmo tempo em que incorporam elementos bíblicos e sincréticos em sua prática religiosa. Assim, conclui-se que a desinformação sobre essas religiões não apenas perpetua estigmas, como também reforça desigualdades históricas, sendo fundamental que a Ciência da Informação atue de forma crítica na promoção do acesso à informação correta, respeitosa e plural.

Mediante a Constituição Federal o direito à liberdade religiosa em relação a essas religiões começa a ser assegurado em 2023, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei no 14.519/2023, que institui o Dia Nacional das Tradições de Raízes de Matrizes Africanas e

das Nações do Candomblé, comemorado anualmente em 21 de março. – Instrumento que auxilia a Ciência da Informação e as instituições de ensino para a importância de se combater o racismo religioso (página 51) deste trabalho, uma forma também de atrelar a temática no cumprimento das leis 10.639/2003 e 11.645/2008 são marcos legais no Brasil que tornam obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas de educação básica, tanto públicas quanto privadas.

A Ciência da Informação desempenha o principal papel de informar eticamente e com prudência disseminando conhecimento e informações confiáveis /verídicas. No entanto é possível perceber que existe uma enorme necessidade de pesquisas futuras e políticas públicas baseadas em letramento informacional adequado, dando cada vez mais visibilidade a esse tema tão sensível.

Fecho esse trabalho com a seguinte reflexão da Historiadora e Quilombola Barbára Grêgorio : ‘‘Da ancestralidade viemos nela permanecemos e para ela retornaremos’’.(Barbára ,G.,2025)

## REFERÊNCIAS

ADALBERTO, M., A. **Agilidade em Projetos segundo o PMBOK: Uma proposta de ferramenta de gerenciamento.** Anteprojeto de Trabalho de Conclusão- Bacharelado em Ciência da Computação. Universidade Feevale: Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em: [https://tconline.feevale.br/tc/files/0001\\_4774.pdf](https://tconline.feevale.br/tc/files/0001_4774.pdf). Acesso em: 8 fev. 2024.

ALVES, H. Pomba Gira: o que é e qual o seu significado. **Significados**, [s.l.], s.d. Disponível em: <https://www.significados.com.br/pomba-gira/>. Acesso em: 26 fev. 2025.

ANDRADE, L. Entenda o que é Quimbanda, uma das mais estigmatizadas religiões de matriz africana. **Terra**, 21 dez. 2023, Nós, [s.l.], 2023. Disponível em: [https://www.terra.com.br/nos/entenda-o-que-e-quimbanda-uma-das-mais-estigmatizadas-religoes-de-matriz-africana,891629e2e9f828643f30b2846f230b34ipwka-coe.html?utm\\_source=clipboard](https://www.terra.com.br/nos/entenda-o-que-e-quimbanda-uma-das-mais-estigmatizadas-religoes-de-matriz-africana,891629e2e9f828643f30b2846f230b34ipwka-coe.html?utm_source=clipboard) Acesso em: 24 fev. 2025.

APARECIDA , ARYANNA (@Aryannaaparecida). **O ponto já diz** . *TikTok* [s.d] Disponível em: <<https://www.tiktok.com/@aryannaaparecida/video/7460680617190018309>>. Acesso em: 12 ago. 2025

ARAÚJO, C. P. **A denúncia negra da verdade branca sobre a intolerância religiosa no Brasil.** 2020. 4 p. Tese de Pós-Doutorado – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, CE. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/LL8wtYFsmwDLdTygBs4Vm8C/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 25 de fev. de 2025.

ARAÚJO, J. **Religiões afro-brasileiras e direitos humanos: desafios e perspectivas.** São Paulo: Editora Humanitas, 2020.

BAKIR, VIAN; MCSTAY, ANDREW. Fake news and the economy of emotions: problems, causes, solutions. **Digital Journalism**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 154–175, 2018.

BARBARÁ, L. Bahia é a porta de entrada das principais religiões do Brasil. **CNN Brasil**, 25 out. 2020, [s.l.], 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/bahia-e-a-porta-de-entrada-das-principais-religoes-do-brasil/>. Acesso em: 07 maio 2025.

BARBOSA, E. Sincretismo e Religiões Afro Brasileiras. **Educa Mais Brasil**, [s.l.], 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/religiao/sincretismo-e-religoes-afro-brasileiras>. Acesso em: 16 de maio de 2025.

BARBOSA, L. **Religiões afro-brasileiras: resistência, ancestralidade e fé.** São Paulo: Moderna, 2019.

BENTO, HELENA. “O colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Dói sempre, por vezes infeta, e outras vezes sangra.” **Geledés** – Instituto da Mulher Negra, 30 maio 2019. Entrevista com Grada Kilomba. Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/o-colonialismo-e-uma-ferida-que-nunca-foi-tratada-doi-sempre-por-vezes-infeta-e-outras-vezes-sangra/>. Acesso em: 11 de ago. de 2025.

BENTO, MARIA APARECIDA SILVA. **Pacto narcísico da branquitude no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cadernos CEERT, 2002.

BOURDIEU, PIERRE. **O poder simbólico**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CACO, PADRE (@padrecaco). **A resposta certa para a pergunta errada**. *TikTok*, 5 mar. 2024. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@padrecaco/video/7218671507382226182>. Acesso em: 12 ago. 2025.

CARDOSO, ALAN. **Intolerância religiosa no Brasil cresceu mais de 80%, diz estudo**. 22 jan. 2025. Atualizado em 4 fev. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/intolerancia-religiosa-no-brasil-cresceu-mais-de-80-diz-estudo/>. Acesso em: 23 ago. 2025.

CALVO, DANIELA. **Ifá e candomblé: desafios, conflitos, contribuições e ajustes**. Anais In: Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia. João Pessoa, PB, 2016. Disponível em: [https://www.abant.org.br/files/1466470110\\_ARQUIVO\\_artigo\\_abas\\_enviar.pdf](https://www.abant.org.br/files/1466470110_ARQUIVO_artigo_abas_enviar.pdf) Acesso em 24 fev. 2025.

CAMPOS, T. S. Candomblé. **UOL**, [s.l.], s.d., Brasil Escola, Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/religiao/candomble.html>. Acesso em: 07 de maio de 2025.

CAMPOS, T. S. Vodú. **UOL**, [s.l.], s.d., Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/religiao/vodu.htm>. Acesso em: 12 de maio de 2025.

DATAREPORTAL. **Digital 2025: Brazil**. 2025. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2025-brazil>. Acesso em: 25 de fev. de 2025.

DE EXU, REINO (@reinodeexu) **Marabô e Tiriri são meus grandes camaradas**. Instagram. 11 de novembro de 2024. Disponível em : <https://www.instagram.com/reel/DCP9vRoSdoM/?igsh=aXcwZjVpamRsYXQw>. Acesso em : 12 de Ago. de 2025.

DOS SANTOS, V. C. **O Discurso de Edir Macedo no livro Orixás, Caboclos e Guias ou Demônios?: Impactos e Impasses no Cenário Brasileiro**. 2010. 133 p. Dissertação (Pós-graduação em Ciências da religião) - Universidade Metodista de São Paulo – Faculdade de Humanidades e Direito, 2010, São Bernardo do Campo, SP. Disponível em [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetaileObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=199468](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetaileObraForm.do?select_action=&co_obra=199468). Acesso em: 25 de fev. de 2025.

FERNANDES, R. C. **Traficando fé: intolerância religiosa, racismo e violência simbólica**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2013.

FERNANDEZ, R. O Panteão Vodú e suas Nações. **Morte Súbita**, [s.l.], s.d. Disponível em: <https://mortesubita.net/afro-americano/o-panteao-vodu-e-suas-nacoes/>. Acesso em: 16 de maio de 2025.

FESCINA, D. O que é a Pomba Gira? **Super Interessante**, 23 out. 2013, Mundo Estranho, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-a-pombagira>. Acesso em: 26 de fev. de 2025.

FIOCRUZ. **A desinformação em tempos de pandemia: fake news, infodemia e saúde**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2020.

FRANCO, G. P. As religiões de matriz africana no Brasil: luta, resistência e sobrevivência. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 18, n. 1, p. 30–46, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/34154>. Acesso em: 26 fev. 2025.

GIUMBELLI, E. A., ALMEIDA, L. O. O enigma da quimbanda: formas de existência e de exposição de uma modalidade religiosa afro-brasileira no Rio Grande do Sul. **Rev. antropol. (São Paulo, Online)**, v.64, n. 2, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/gzLdkRv4fdP3dMtV8th9D3x/abstract/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 16 de maio de 2025.

HOODOO, CABANE, JADE. (@cabanehoodoo) **Tudo sobre Hoodoo e Voodoo**. *TikTok* (s.d). Disponível em: <https://www.tiktok.com/@cabanehoodoo>. Acesso em: 23 ago. 2025.

IFA NI LÓRUM. **Uma breve Explicação sobre o culto de Ifá**, 14 maio 2012. Disponível em: <https://ifanilorun.com/?p=56>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Religião e Intolerância Religiosa no Brasil: resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 25 de fev. de 2025.

MUNANGA, KABENGELE. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

NASCIMENTO, L. S. **A Intolerância contra Religiões de Matriz Africana : Ofensas às Garantias do Direito brasileiro Contemporâneo**. 2020, p.1-11. Artigo (Bacharelado em Direito) - Universidade Católica do Salvador – Faculdade de Direito, Salvador – BA. Disponível em: <https://ri.ucsal.br/items/cad10fc1-ebd8-4eba-878e-839cda56d60e>. Acesso em: 16 de maio de 2025.

OLIVEIRA, LUANA. **Religiões afro-brasileiras: o que são e por que são alvo de intolerância religiosa?** Politize!, 2022. Disponível em: <https://www.politize.com.br/religoes-afro-brasileiras/>. Acesso em: 7 jul. 2025.

OLIVEIRA, M. L. P. Quais são as religiões de matriz africana? **Politize!**, 23 jul. 2022, Cidadania, Cultura e Sociedade, [s.l.], 2022. Disponível em: [politize.com.br/religoes-de-matriz-africana/](https://www.politize.com.br/religoes-de-matriz-africana/) Acesso em: 13 jul. 2025.

ORIXÁS, CABOCLOS E GUIAS: DEUSES OU DEMÔNIOS?. In: **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Orix%C3%A1s,\\_Caboclos\\_e\\_Guias:\\_Deuses\\_ou\\_Dem%C3%B4nios%3F&oldid=68796682](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Orix%C3%A1s,_Caboclos_e_Guias:_Deuses_ou_Dem%C3%B4nios%3F&oldid=68796682). Acesso em: 26 de out. de 2024.

PRANDI, REGINALDO. **Religião e sociedade: ensaios em ciências sociais da religião**. São Paulo: Edusp, 2005.

REGO, C.; PAULINO, R. **Desinformação: o fenômeno, os impactos e as estratégias de enfrentamento**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2022. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/publicacoes/edicoes-camara/estudos-e-notas-tecnicas/desinformacao-o-fenomeno-os-impactos-e-as-estrategias-de-enfrentamento>. Acesso em: 3 jul. 2025.

RIBEIRO, A. Sincretismo religioso: a intersecção de culturas e crenças. **Politize!** 25 maio 2023, Básico da Política, Cidadania, Cultura e Sociedade, 2023. Disponível em: <https://www.politize.com.br/sincretismo-religioso/#:~:text=O%20sincretismo%20religioso%20%C3%A9%20um%20fen%C3%B4meno%20que%20ocorre%20quando%20elementos,longo%20da%20hist%C3%B3ria%20da%20humanidade>. Acesso em: 26 de jan. de 2025.

RODRIGUES, JONATHAN. 95 estatísticas de redes sociais para conhecer em 2024. **RD Station**, 9 set. 2024. Disponível em: <https://www.rdstation.com/blog/marketing/estatisticas-redes-sociais/>. Acesso em: 23 ago. 2025.

ROCHA, CAROLINA. **O que é macumba?** Instagram, 23 jan. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DFLvsnhvQNa/>. Acesso em: 23 ago. 2025.

ROCHA, L. de S.; GOMES, P. do S. dos S. **Atuação da Ciência da Informação na era da desinformação**. *Biblos – Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, v. 37, n. 2, p. 1-2, 2024. Disponível em : <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/16472>. Acesso em: 11 de ago. de 2025.

SHADOW, H. PAULO. **Afrobrasileiro: Religião, religiosidade e folclore**. 14. ed. Editora: Publicação Independente, 2022

SILVA, LIA VAINER et al. **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. São Paulo: Fiocruz, 2022.

SILVA, N. D. Umbanda. **UOL**, [s.l.], s.d., Brasil Escola, s.d. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/religiao/umbanda.htm>. Acesso em 07 de maio de 2025.

SILVA, VAGNER GONÇALVES DA. **Religiões afro-brasileiras: resistência e identidade cultural**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

SOUSA, RENATO PINTO DE. **Religiões afro-brasileiras e sincretismo: resistência e ressignificação**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

SOUZA, BETO. **Brasil tem recorde de evangélicos e menor número de católicos da história**. CNN Brasil, São Paulo, 6 jun. 2025. Atualizado em 6 jun. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil/brasil-tem-recorde-de-evangelicos-e-menor-numero-de-catolicos-da-historia/>. Acesso em: 23 ago. 2025.

VECHI, T. "Exu". [s.l.], s.d., Brasil Escola, s.d. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/religiao/exu-1.htm>. Acesso em 26 de fev. de 2025.

VISCADI, J.; D., OXUM EUDES PAI. (@sabedoriadosespiritos) Porque Muitas Pessoas Pensam que Pombagira é Prostituta? *TikTok*, [vídeo]. 25 de Abril de 2025. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@sabedoriadosespiritos/video/7226020924980595974>. Acesso em: 12 ago. 2025.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. *Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making*. Strasbourg: Council of Europe, 2017.